Letras e Artes

Domingo, 1-10-1950 — SUPLEMENTO DE "A MANHÃ" — Ano 4.º — N.º 179



HENRY CLINTENK AMP — Xilogravura

CLARICE LISPECTOR "EXISTENCIALISTA" OU "SUPRA-REALISTA"?

JOÃO GASPAR SIMÕES

CONHECI Clarice Lispector uma noite, fugazmente, em Lisboa. Vinha do Rio de Janeiro e dirigia-se a Nápoles. Foi isto há uns cinco anos. Havia calor. Era no verão. As janelas do quinto andar do prédio em que vivia Ribeiro Couto estavam abertas sôbre as colinas de Lisboa. E Clarice Lispector entrou no salão onde a aguardavamos como uma dessas imagens que já trazem em si o princípio do seu próprio desvanecimento: são tão belas que não podem durar. Impossível dizer de que côr eram os cabelos dessa imagem fluida. Não retive dela um único pormenor. Apenas sei que era bela e que a sua presença ficou para sempre naquele salão onde nunca mais entrei que a não visse.

Pouco tempo depois recebi, remetido da Itália, se bem me lembro, o seu primeiro livro — "Perto do coração selvagem" — que pouco antes aparecera no Rio de Janeiro sob o mesmo signo de fluidez que presidira ao próprio aparecimento da sua autora em Lisboa em certa noite de verão. Era um livro fosforescente, espécie de fogo-fátuo, qualquer coisa como o relampejar de uma consciência no meio das trevas de uma noite tropical Li-o com a mesma sensação de presença fluida que experimentara quando entrevira a silhueta de Clarice Lispector desenhada no céu de estrelas que forrava as janelas do salão de Ribeiro Couto, abertas sôbre as invisíveis colinas de Lisboa. Num pequeno artigo que então escrevi falei do que se me afigurava a maior novidade das suas páginas — a introdução do "monólogo interior" sistemático na história do romance brasileiro.

Passaram anos. Clarice Lispector publicou, entretanto, outro livro — "O Lustre" — livro que me não chegou às mãos. E agora, vai para um ano, eis que de novo perpassa por diante de mim a precária imagem que o tempo conservara "possível" recortada no noturno céu estival de Lisboa. "A cidade sitiada" é o título do último romance de Clarice Lispector. Foi escrito em Berna em 1948.

Ter-se-ia dado uma transformação substancial na técnica novelística da autora de "Perto do coração selvagem"? Não o creio. Todavia, qualquer coisa me parece mudada no seu estilo. Já não é o "monólogo interior", tal como o realizaram um James Joyce ou uma Virginia Woolf, que constitui a máquina novelística de "A cidade sitiada". O "monólogo interior" exprime o mundo e a vida em interioridade: é a vida e o mundo vistos de dentro para fora, do centro para a periferia. Não se pode dizer que seja esta a visão do mundo que se nos oferece no novo romance de Clarice Lispector. Agora, nele, o "monólogo interior" foi substituido por uma como que "consciência conceptual" do mundo. Já não são imagens desdobrando-se em imagens que "realizam" o cosmorama em que nos é dado ver as personagens do seu livro. A operação que atualmente se nos patenteia na máquina novelística de Clarice Lispector assemelha-se mais à operação conceptual que domina a fábrica dos romances de um Jean-Paul Sartre ou de uma Simone de Beauvoir. Imprevistamente — pelo menos para mim, que não conheço "O Lustre" — Clarice Lispector desvenda-se-nos como uma existencialista": a primeira "existencialista" do romance brasileiro — pelo menos, do romance brasileiro que eu conheço.

A etiqueta não tem importância. Clarice Lispector, "existencialista", não deixou de ser Clarice Lispector. Pelo contrario — tenho a impressão de que se tornou muitissimo mais ela própria. Que é o "monólogo interior" senão o primeiro passo para a metamorfose do romance realista em romance "existencialista"?

Não vem para o caso descermos a minudências quanto à essência do "existencialismo". Importa apenas que tomemos como ponto de referência isto: enquanto a filosofia não-existencial estabelece uma hierarquia em que o pensamento sobrepuja a vida, lançando sôbre ela o facho dos seus conceitos, nos quais a sua imagem se fixa, discursivamente; na filosofia "existencial", pelo contrário, a vida antepõe-se ao pensamento, a existência precede a essência, e, portanto, pensar a vida corresponde, de certo modo, a uma identificação com ela.

Parece-me que não é difícil, perante isto, aproximar a técnica novelística entronizadora do "monólogo interior" de uma concepção existencial do romance; é na fusão do pensamento e da vida, na fluidez da própria consciência, só consciência na medida em que é vida, que o romance de um James Joyce ou de uma Virginia Woolf encontram a sua justificação

No seu primeiro livro — "Perto do coração selvagem" — Clarice Lispector, através da consciência da sua heroina, "pensava" o mundo por imagens. A vida realizava-se na sua consciência consoante as imagens que ela ia projetando no "écran" do romance, e realizando-se-lhe na consciência, realizava-se ao mesmo tempo no plano da realidade: objetivava-se consciencializando-se. Método muito diferente do método clássico, no romance objetivado pelo "monólogo interior", ainda não há, todavia, divórcio completo entre a forma novelística tradicional de pintar o mundo — compondo quadros em que a vida, as personagens, as coisas, as ações representam como que coisas en-soi, como diria Sartre — e a forma adotada pelos "existencialistas" franceses, especialmente Sartre e Simone de Beauvoir Quer em "Les Chemins de la Liberté", quer em "L'Invité". especialmente neste romance, pois Simone de Beauvoir, discipula, vai mais longe do que Sartre, mestre, qualquer coisa mudou substancialmente Eis a grande revolução a que Clarice Lispector me parece particularmente sensível. Já não é um quadro quer introvertido, quer extrovertido que o romance nos oferece. O romance, agora, oferece-nos os atos das personagens e o seu próprio significado. Ao invés da descrição da realidade, romance "existencialista", pelo menos tal como o realizam os mais representativos "existencialistas" franceses, e tal como o realiza a autora de "A cidade sitiada", proporciona-nos um conceito da realidade. Vivido, como vida, como existência, a vida, no romance "existencialista", é fixada conceptualmente: ao invés de os atos das suas personagens e os movimentos da sua consciência aguardarem a interpretação que a crítica ou o leitor inteligente possam vir a fazer dêles, é o próprio romancista quem se encarrega de nô-los dar, simultâneamente, como atos e movimentos de consciência e como conceitos ou interpretações filosóficas. Evidentemente que são muitos os perigos que rodeiam uma tal emprêsa: são tanto maiores quanto mais "filosófica" a mentalidade do romancista, isto é, quanto mais enfeudada a um sistema. Eis por que não poucas páginas de Jean-Paul Sartre e grande número de Simone de Beauvoir se nos apresentam a uma luz de tal modo abstrata que os seus romances se despojam daquela concretização indispensável ao processo recreativo na consciência do leitor do fluxo da vida, matéria fundamental do romance como gênero literário.

Clarice Lispector não receou substituir o "monólogo interior" — introversão do mundo em imagens — pela expressão conceptual da realidade — o mundo introvertido em conceitos. E, assim, ei-la que nos introduz numa atmosfera humana em que o humano já não é senão uma mera criação conceptual. Enamorada das novas modernas formas de arte, Clarice Lispector, como seu romance "A cidade sitiada",

(Conclui na [illegible] página)

PETROPOLIS NA POESIA DE MANUEL BANDEIRA'

JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSECA

QUANDO se vive por longo tempo em algum lugar, aos poucos, vamos transpondo as imagens que nos cercam para uma paisagem interior, um mundo mais lírico que real, embebido de nossas tristezas ou do nosso contentamento, construído principalmente daquilo que nos feriu: um humilde murmúrio noturno, a forma serena de qualquer árvore, o menino que passa tôdas as tardes. [E]sse mundo tão forte se torna [q]ue, ao relancearmos de novo o lugar, dele será quase tudo o que veremos, e é ele quem fixará o estilo do espetáculo. Tal mudança, operando-se [n]o homem que seja poeta, a[pe]sar de sua intimidade, adquire um caráter universal; e assim a paisagem interior traduzida nos poemas terá para o leitor um encanto, um poder de comoção, semelhantes aos do quintal ou do quarto já inexistentes e aonde se aconchega a incuravel recordação da infância.

Por isso, a Petrópolis dos versos de Manuel Bandeira é quase tanto nossa quanto dele; por isso, depois de lê-los, somos, por vezes, compelidos a ver as coisas como êle sentiu, a descobrir nesse ou naquele quarteirão a recôndita aparência por ele revelada.

O livro de nosso poeta em que me pareceu encontrar-se Petrópolis com maior frequência foi "Ritmo Dissoluto" ao qual se cinge o presente estudo, livro infelizmente esquecido da crítica, não obstante encerrar algumas obras primas como **Madrigal Melancólico**, **Noturno da Mosela** ou **Noite Morta**.

Estes dois últimos poemas, justamente, se referem àquela cidade. Em **Noturno da Mosela** surge Petrópolis em um de seus mais castiços aspectos: uma noite de chuva —

O silêncio e a estrada ensopada com dois reflexos intermi-
[náveis...

e, além dos reflexos, uma

... queda d'água que não para!
não para!
Não é de dentro de mim que
ela flui sem piedade?...
A minha vida foge, foge, — e
sinto que foge inùtilmente!...

O artista, aqui, teve o dom de dar um sentido preciso àquela vaga melancolia da água correndo pela noite, dos arroios, das goteiras, que enfermas tecem a nossa própria perda.



Manuel Bandeira

Em **Noite Morta** se repete essa nota de tristeza das águas noturnas, porém igualmente comparecem alguns dos mais genuínos comparsas da cena petropolitana —

Junto ao poste de iluminação
Os sapos engolem mosquitos.

Quem ainda não se acostumou a esses bichos, quem ainda não gravou com traços fortes a tosca figura desses passeantes da sombra, sem dúvida ainda não entendeu a verdadeira Petrópolis. Eles fazem parte do nervo da cidade, são uma rude mensagem da terra para nós exilados no asfalto, falam de um profundo sono, são feios, exageradamente feios, entretanto, que beleza maior não existe nessa feiura, tôda feita de sossego e escuridão, e quando coaxam nos lembramos de uma antiga e imperecível e fecunda umidade.

A outros noctívagos alude Bandeira em **Sob o céu estrelado** —

Um vagalume abateu sôbre as
hortênsias e ali ficou luzindo
misteriosamente,

e no verso seguinte deste poema a constante da fugacidade —

Águas de um córrego contam
a eterna história sem começo
e sem fim...

Mas, o poeta não nos fala apenas da paisagem ou da fauna. Em **Meninos Carvoeiros** deparamos com aquelas crianças raquíticas que

Passam a caminho da cidade.
— Eh, carvoeiro!
E vão tocando os animais com
um relho enorme,

e conclui com um emocionado lirismo:

A madrugada ingênua parece
feita para eles...
Pequenina, ingênua miséria!
Adoráveis carvoeirinhos que
trabalhais como se brincás-
seis!

E assim, os silenciosos e intermináveis reflexos, a caducidade das águas, os escuros sapos, o inseto na flor azul, os desamparados carvoeirinhos, compõem um grave concerto que, malgrado intimamente de Petrópolis, pela virtude lírica do poeta, amplia os seus limites e faz daquelas paisagens, daqueles bichos, daqueles pobres meninos, um exemplo de esquivo mistério que nos cerca, dos muitos que conosco se encontram nessa noturna aventura.

ISABEL, SEMPRE ISABEL

BRENO ACCIOLY

FAZ uma semana que Isabel partiu. E durante todos êsses oito dias de calor eu fiquei à maneira de um bicho inquieto, como se meu corpo fôsse um barômetro que prenunciasse chuva.

E nos poucos instantes em que me acalmo, sem querer, começo a somar cifras, para terminar me indignando, pois passei a outrem a fazenda Cambão por uma ninharia. Tempo de sêca, os açudes estorricados, a pastagem rala. Prejuizos, sòmente prejuizos. Negócios de doido. Uma atividade de comerciante querendo salvar uma falência. Não quero continuar somando algarismos. Mas sem me aperceber, continuo a encher de cifras folhas de papel almaço, como se esta minha atitude pudesse remediar a situação; mas tudo está perdido, irremediavelmente perdido.

Apenas diviso encruzilhadas. Pensei em abandonar tudo, em deixar tudo apodrecendo, o cupim comendo tudo sem piedade, assinar uma escritura em favor da confraria de S. Vicente de Paulo e abrir nos paus.

Mas não há coragem em meu sangue desde que Isabel partiu.

As gavetas cheias de cartas por terminar. E tôdas às vezes que me disponho a terminá-las (Isabel não pensasse mais em mim), os meus dedos simulam paralisia, a minha mão lembra a de uma imagem sem fôrças, e meu braço direito pesado como um saco de areia.

— Ao mesmo tempo meus ouvidos se enchem de sons semelhantes àqueles de besouros encadeados por uma forte luz. E ainda como se um frasco de éter houvesse sido destampado perto de meu nariz, meu corpo se dobra para que eu fique de pescoço mole, derreado sôbre a mesa, qual um embriagado.

Várias vezes isto me aconteceu. Ontem, ao abrir as gavetas, senti-me obrigado a reler cartas que eu havia escrito; cartas que não passavam de três linhas. E também senti-me obrigado a rasgá-las com fúria por ter mêdo que outra vez meu corpo se dobrasse, se amolecesse e mortos ficassem meus olhos fechados por pálpebras entumecidas.

Por que tanta covardia? Não sei explicá-lo. Sinto que viverei tôda a vida atormentado sem poder resolver coisas que outros resolveram rapidamente.

Isabel já me escreveu quatro cartas em oito dias de ausência; tempo êsse que ainda não conseguiu clarear a minha memória. E as cartas de Isabel continuam fechadas e eu não quero abri-las. Mas aos meus olhos chega de inopino a figura de Isabel, enquanto os meus ouvidos parecem estar escutando Isabel perguntar:

"Quando voltas? Quando voltas? Quando voltas?"

Então eu minto quando respondo à minha consciência: — "Amanhã, Isabel; amanhã estarei de volta". Talvez Isabel nunca mais me veja, nunca mais venha a saber do meu paradeiro, porém quando de sua partida, disse-lhe que me esperasse dentro de dez dias. E pareço estar vendo Isabel aflita, ansiosa que os dias passem, ou chegue logo, debruçando-se no parapeito da mais larga das janelas, quase o dia todo. E a idéia de voltar a ser o homem de Isabel... (oh! como esta idéia é terrível e ao mesmo tempo doce) é o bastante para me adoecer de um mal jamais provado, em tôda a minha vida.

Voltando a ser o homem de Isabel, como poderei passar pela calçada de Fabíola; calçada que também é a minha, também é a de Isabel; somos obrigados, por ela, a caminhar...

E tanta é a confusão que se faz à minha memória, pois sou incapaz de poder afirmar se a côr de Isabel é branca, se os lábios de Isabel são grossos, se os olhos de Isabel são espelhos? Abro as mãos. Abertas, levo-as ao rosto. E de face encoberta, fico escutando o relógio pendular. Se eu pudesse chorar estaria salvo. Repito. Se eu pudesse chorar estaria salvo.

Mas meu coração se encontra completamente estorricado. E esta secura de meu coração se evidencia nos talhos que partem tôda a minha bôca.

Talhos profundos, indeléveis, como se por giletes houvessem sido provocados...



UM PINTOR DO VALE DA PARAIBA — Ernesto Quissak é um pintor brasileiro auto-didata, residindo, há muitos anos, em Guaratinguetá (Est. de São Paulo), onde nasceu, depois de uma curta fase de boemia, no Rio. Ali desenvolve êle uma verdadeira ação de animador. Catedrático da cadeira de desenho na Escola Normal local, procura congregar os jovens estudantes em iniciativas artísticas e culturais, concorrendo com o seu idealismo para a elevação do nível intelectual do ambiente. Várias realizações dêsse caráter naquela cidade, já tiveram o poderoso concurso de Quissak, sempre entusiasta e devotado em tudo que diz respeito à arte, a maior preocupação de sua existência. Pintor galardoado pelo Salão Nacional de Belas-Artes, dedica-se de preferência à fixação de tipos e aspectos do vale do Paraíba, sabendo traduzir muito bem a nuança melancólica de certos recantos provincianos de vida monótona. Estampamos acima um dos quadros de Quissak, intitulado:

MENSAGEM AOS POETAS NOVOS

SERGIO MILLIET

HA momentos na história literária em que a carencia de mensagem impele o poeta à pesquisa da forma pela forma, numa inversão, deliberada ou inconsciente de valores pela qual passa a classificar como arte aquilo até então rotulado de artesanato.

As reações formalísticas assumem aspectos semelhantes qualquer que seja o pretexto invocado pelos renovadores. Todas elas se caracterizam pelo hermetismo, pelo requinte sintáctico, pela afetação metafórica. Mesmo quando, como no caso do parnasianismo, a reação reivindica qualidades de clareza e objetividade, em oposição aos desmandos românticos, a linguagem usada, a preocupação do raro, do original, do perfeito, logo tornam incomunicavel a poesia além de determinado grupo de eleitos

Sem dúvida tais reações são uteis, mas tão sòmente enquanto se apresentam como reação e não como escola ou moda. Toda poesia que se liberta por demais da forma corre o risco de cair num excesso de subjetividade. sofre um desgaste expressivo perigoso. Mas as reações são como as revoluções, só sabemos como começam, nunca como terminam.

Contra a linguagem grosseira da côrte de Henrique IV, erguem-se os Salões literários de Paris e tem-se, muito breve, as charadas das "preciosas". Contra os desmandos sentimentais dos românticos, levanta-se o Parnaso e não demora muito ocorre o pedantismo de Mallarmé. Isso sem falar nas palavras cruzadas do fim da Idade Média.

Em nosso tempo assistimos a uma dessas reações, à primeira vista dirigida contra o transbordamento surrealista e futurista, a técnica da associação de idéias, a teoria do ritmo pessoal, etc.

Como não se tem o que dizer ou se teme dizer vulgaridades, volta-se para a forma, tenta-se qualquer aventura embora da experiência possa resultar a perda do público, a incompreensão da crítica, e a morte da poesia.

Não estamos ainda nessa curva da estrada, mas já podemos perceber, através de mais de um sintoma, a aproximação do abismo. A poesia está secando. E a continuarmos nessas pesquisas, mesmo as mais inteligentes da nova geração, pouco ficará do modernismo para a posteridade Nestas alturas vejo alguns espertos indagarem: mas que é poesia?

Poderia responder com Gide, é emoção. Ou com Rilke, é experiência. Não diria nunca porém é metáfora. ou é ritmo, ou é melodia, porque isso seria o mesmo que definir a pintura pela cor, abstraindo o desenho e a composição Na verdade a poesia é metáfora, mais música, mais rítmo, mais melodia, tudo a serviço da expressão de emoções, experiências, idéias. Os meios de expressão importam tanto quanto o que se deseja exprimir. Não mais porém; não menos tampouco.

Ora, o que vemos na atualidade é a atenção dos mais bem dotados dentre os jovens fixarse quasi exclusivamente no meio de expressão Tão empolgados andam com seus achados, suas depurações, seus rítmos, que se esquecem de falar. Não dizem nada. São como pintores que se entusiasmassem pela côr em si, por acordes de côr quando muito, e deixassem de comunicar sua emoção.

Acompanho com interêsse, com carinho, a evolução da poesia moderna. Aprecio as pesquisas realizadas e vejo nelas uma contribuição por vêzes admirável para o futuro. Mas basta de pesquisas. Está na hora de começarmos a dizer qualquer coisa Talvez não seja isso possivel sem uma contra reação. isto é, sem uma nova revolução literária que liberte o poeta das prisões que constituiu nestes últimos anos. E não são apenas os chamados modernistas que se acham presos, os próprios poetas fiéis às leis do parnasianismo ou simplesmente da tradição, sofrem, como por contágio, as mesmas influências, seguem idênticos caminhos. Tenho em mãos um livro que por certo não pretende a uma classificação extremista: "Rosa dos rumos", de Geir Campos. São em geral versos medidos e rimados, límpidos de sentido, mais de idéias e visões que de emoção. No entanto os truques todos do modernismo aí estão também: abuso do "enjambement", a imagem rara, inesperada pelo contraste dos termos de comparação as soluções sintácticas preciosas, a "transcendentalização" dos adjetivos, a supressão das preposições, etc. Nos seus melhores momentos, essa poesia é narrativa e feita mais de observação impressionista que de emotividade extravagante:

> Adaga de sol trespassa
> um descuido da janela,
> ressuscitando universos
> na astronomia de pó.

De outras feitas ela assume o tom que foi peculiar a Hermes Fontes no passado:

> Chego ao cais de mim mesmo
> [e me debruço
> sobre o mar interior...

Do parnasianismo ficou no autor o gosto pelo desenvolvimento de um conceito filosófico Exemplo este poêma bem construido, sem falhas:

> Quem te ensinou, pião, a sim-
> [ples arte
> de girar e fazer do giro a vida,
> vertical sôbre o bico — único
> [ponto
> de teu corpo, no chão a su-
> [portar-te?
> Essa a tua verdade essencial:
> como um homem cercado de
> mentiras,
> buscas talvez em tôrno uma
> [saída
> que não achas; e assim debalde
> [giras
> num equilíbrio falso, que afinal
> se rompe... e ao chão te en-
> [tregas, todo, tonto.

Contra essa poesia eivada de inteligência se manifestaram os modernos em 22, embora não tivesse ela então a originalidade que apresenta a do sr. Geir de Campos. Mas os modernos que reivindicavam a liberdade para poderem dizer tudo o que sentiam de novo dentro deles, tudo o que iria refletir um mundo de violento dinamismo, viram esgotada a mensagem no decurso de uma geração. Os epigonos voltaram à forma, retornaram aos segredos do artesanato, à transcendencia dos rítmos sabidos e das metáforas sutís. E tão longe foram que já agora, após um primeiro aplauso, os que temiam uma delinqüência formal, caso não houvesse essa reação, temem a floração de uma nova academia e lançam a necessária advertência.

É o que faz Augusto Frederico Schmidt, com "Mensagem aos Poetas novos", arte poética que será discutida, que me parece discutível, mas tem sem dúvida o valor de uma brecada no jovem preciosismo.

Um pintor conhecido afirmava que "pintura é como o luar", espontânea, fenômeno da natureza, e não trabalho especioso de decifrador de logogrifos. É mais ou menos o que diz da poesia o sr. Augusto Frederico Schmidt:

> A poesia é simples.
> Vejam como a lua humida
> Surge das nuvens
> Livre e indiferente.
> Vejam o silêncio, que nasce
> dos túmulos, nas madrugadas!
>
> A poesia é simples.
> O canto é pobre e puro,
> Como o pão e o fogo
> Como os vôos dos pássaros
> Nos céus azuis.

Essa consciência da presença da poesia na vida, na experiencia, na dor, essa percepção de sua naturalidade, essa certeza de que ela exige humildade e pureza, não é porém apanagio dos moços Com vinte anos criamos climas de desespero, de falso ceticismo, de tolo orgulho. Dizemos então: somos sós, lamentàvelmente sós, insolúveis irremediavelmente Na idade madura mudam os adverbios. Dizemos: somos sós, gostosamente sós, solúveis entretanto, naturalmente, na tarde de abril que desmaia e até nos olhos das mulheres que não nos compreendem Todo o segredo da poesia está para Augusto Frederico Schmidt nessa mudança de angulo:

> Agora sei. Contemplo a tarde.
> O sol no ocaso corta as ar-
> [vores.
> Pelas estradas passam cami-
> [nhantes
> Vêm do outrora e vão indife-
> [rentes
> Ao encontro de mares e de luas.
>
> Precisa-se no espírito como um
> [fruto,
> Maduro enfim, perfeito e sa-
> [boroso
> O conceito, a figura da poesia.
> Sobre a péle esverdeada man-
> [chas negras,
> Que perfume de seios e de al-
> [fombras!

Assim também, dirá a diferença entre o amor que vêem os moços, "soturno e curvo", "canto da turbada adolescência", e o verdadeiro amor dos que viveram a experiência:

> simples e tão mais simples..."

E como a poesia e o amor, também a dor, a qual não será "de palavras", mas a de saber

> "que às estrêlas
> futuras e distantes
> nenhum apêlo chegará jamais
> a de sentir portanto a fuga
> sem remissão da vida.

Creio que dessa mensagem aos poetas novos resultará interminável e utilíssima polêmica. Concorde-se ou não com a arte poética de Schmidt, ela será assinalada em nossa literatura como um marco, uma parada no caminho, uma advertencia.



Desenho de YLLEN KERR

COMO BILAC SE EXERCITAVA PARA A ORATORIA

UMA DESCOMPOSTURA TREMENDA EM NETUNO

CONTA Alberto de Oliveira que Olavo Bilac e outros amigos escritores, costumavam visitá-lo na sua chácara da Engenhoca, em Niterói. E o exercício predileto deles, quando lá íam, era percorrer as estradas amplas, desertas, a fim de ver quem mais alto gritava e nenhum vencia Bilac nessa espécie de esporte. Não porque a voz de Bilac fôsse pesada. Era leve, rápida e vibrante como uma seta de índio. Esse exercício muito serviu a Bilac e êle o praticou ainda durante longas tardes na praia de Icaraí. Costumava-se, então invetivar o mar chamando-o covarde. Do alto de um penêdo increpava o velho Netuno, insultando-o e desafiando-o em altos brados: "És um covarde, velho mar de barba esquálida! Prepara-te para ouvir os mais rudes impropérios dêste mísero mortal que aqui está. Miserável e covarde! Que é feito das nereidas? Onde as cinquenta oceanides de outrora? Que é feito da deusa Afrodite, que é feito do seu carro e do seu cesto brilhante, que seduzia os deuses e os heróis? Em vez dos louros cabelos da "pulcradea, auricrinita Venus", como diz o detestável tradutor Odorico Mendes, arrojas agora à praia um punhado de algas corrúptas que infectam estas areias..."

Conta ainda Alberto de Oliveira que outro exercício a que costuma entregar-se Bilac era ver quem decorava, de uma só leitura ou audição, um soneto decassílabo. Escolheram, certa vez, um soneto de Sousa Monteiro e Bilac reproduziu-o, sem grande dificuldade.

Outro exercício ainda, em que se comprazia nesse tempo, era dizer de um só fôlego um soneto ou um largo trecho de prosa. Bilac conseguiu declamar, sem respirar, uma página inteira de Alvares de Azevedo.

BALZAC E O CONSELHEIRO PEREIRA DA SILVA

Gilberto Amado fala a "LETRAS E ARTES" sôbre uma amizade brasileira do autor da "Comédia Humana"



Nosso companheiro Brito Broca entrevistando Gilberto Amado

GILBERTO AMADO já embarcou para os Estados Unidos, onde vai reassumir as suas funções de delegado brasileiro na ONU. Esteve cêrca de um mês no Brasil e durante êsse espaço de tempo não lhe sobraram as horas para conversar com os velhos amigos, receber visitas e retribuí-las, sempre na cordial vivacidade que lhe caracteriza o espírito. Deu entrevistas, falou do momento internacional, das tormentas do mundo moderno, do Brasil, dos nossos problemas na hora presente, fêz uma conferência sôbre assunto correlato na Faculdade de Direito, e não esqueceu também a literatura. Embora tivesse declarado que, a rigor não é um homem de letras, o escritor constitui o aspecto primordial de sua personalidade. Bem entendido, na palavra escritor, envolvemos igualmente o pensador político, o analista esclarecido da nossa realidade, o autor das meditações poéticas da "Chave de Salomão" e da crítica social do "Grão de Areia".

UMA AMIZADE BRASILEIRA DE BALZAC

Numa destas últimas tardes, Jaime Adour da Câmara abordou-nos no tumulto da Avenida Rio Branco:

— Estive ontem com Gilberto Amado e êle me disse coisas muito curiosas, que descobriu, há tempos, amizade de Balzac com o conselheiro Pereira da Silva, em Paris. Teria sido por intermédio dêste que Balzac viera a se interessar pelo Brasil e os brasileiros, aos quais faz várias referências nos seus romances.

O assunto era, realmente, palpitante.

— Seria motivo para uma entrevista, não acha ? — sugeriu Jaime Adour.

Sem dúvida, Gilberto Amado já falara aos jornalistas sôbre assuntos que mais diretamente lhe tocam; podia agora vir dizer-nos algo das suas descobertas balzaquianas. Além disso, Balzac é hoje, mais do que nunca, um tema do momento. Não devíamos perder a oportunidade.

No dia seguinte, procurávamos, pela segunda vez, o autor de "Dança sôbre o abismo", no apartamento da Esplanada do Castelo. Já sabia êle do motivo que ali nos trazia.

— Sim; queremos que nos conte essa história surpreendente da amizade de Balzac com Pereira da Silva...

Mandando-nos sentar numa vasta poltrona, Gilberto Amado senta-se ao lado.

— Não sei se terá real interesse o que posso contar, mas se você deseja, lá vai. E' o seguinte: Em conversa com vários amigos, quando se trata de Balzac, sempre me foi grato mencionar a maneira simpática pela qual o nome do Brasil e dos brasileiros aparecem na "Comédia Humana". Quando digo brasileiros, incluo entre êstes os portuguêses da dita "Comédia Humana". como por exemplo, o marquês de Ajuda Pinto, amante da viscondessa de Beauseant, uma das figuras mais vivas de Balzac. No romance. Ajuda Pinto é obrigado, por interêsses de fortuna, a separar-se da adorável viscondessa, para casar-se com uma das filhas do marquês de Serisy. Rastignac, chegando da província, vai visitar a prima e pedir-lhe a proteção na sociedade parisiense, na qual ia fazer, graças a essa mentora, um caminho triunfal.

Interrogado pela prima, se tinha coragem de acompanhá-la ao teatro, nas condições em que ela se encontrava, o meridional com o seu "panache" característico, responde:

— "O francês, prima, ama o perigo pela glória que nele alcança".

Que bela passagem!... Tenho a impressão de que o modêlo de Ajuda Pinto foi o nosso Pereira da Silva, que depois se tornou conselheiro e autor de inúmeros livros, inclusive a "História do Império no Brasil".

— E o que o leva a essa conclusão ?

— ... O fato de em certo estadio de sua vida, em Paris, onde se formou, "Le Chevalier" — nome pelo qual Balzac chamava Pereira da Silva — ter residido na mesma casa do romancista. As maneiras de Pereira da Silva, por sua elegância e distinção eram notórias na roda do grande homem. Dirá você: em que me baseio para fazer tais afirmações? No seguinte: Houve uma fase em minha vida, em que eu lia tudo sôbre Balzac — memórias da época, biografias, etc. — Ora foi num dos memorialistas do tempo, que li o episódio a que várias vêzes me referi em conversa ocasional. Balzac costumava receber em sua casa, não me lembro se da rua Reynouard, em Passy — casa à frente da qual passo, de vez em quando, recordando o que ali se desenrolou. Durante uma das recepções, agitaram-se os ânimos numa conversa e o romancista, como lhe ocorria, não raro, excedeu-se, a ponto de ser desagradável com os amigos e vêr-se ameaçado de apoplexia. O memorialista, narrando o episódio, dizia: Não se pode imaginar até onde as coisas teriam chegado, se por felicidade não entrasse na sala o "chevalier" Pereira da Silva, homem fino e elegante, de alta educação, a quem o romancista considerava extraordinàriamente e com quem convivia muito de perto, pois residiam na mesma casa. Exercendo sua autoridade notória sôbre Balzac, conseguiu acalmá-lo e restabelecer a harmonia e a alegria no ambiente...

"BRASILEIROS ENCANTAREM FRANCÊSES E' COISA COMUM"

— Mas quem é êsse memorialista, afinal? Qual o livro em que leu isto ? — interrompemos, sem poder conter a curiosidade.

— Ah! Meu amigo, aí é que está um problema difícil. Note bem: nunca tive verdadeiro interêsse por essa literatura histórica episódica, embora nela procurasse a figura de Balzac, que tanto me atraía. Brasileiros encantarem francêses é coisa comum: nós temos encanto natural e durante a monarquia a educação dos nossos rapazes era a mais fina possível. Sorri para o episódio. Deixei o livro, jogado entre outros tantos volumes da minha bagagem, nas constantes viagens e mudanças. Não sou bibliófilo, não tenho livros bonitos, não guardo livro senão quando êste me é necessário. O que me fêz pensar mais frequentemente no assunto, foi o fato de ter eu narrado a cêna da casa de Balzac, a que me referi, ao meu amigo Pedro Calmon, há cinco anos, quando aqui passei para os Estados Unidos, vindo da Europa, em 1945. Calmon, como é natural, Ficou alvoroçado com o fato e manifestou o desejo de conhecê-lo a fundo para sôbre êle compôr uma de suas páginas de história vivida, a que se dedica com tanto amor. Fiquei de procurar o livro, quando me encontrasse outra vez em Paris, ou quando pudesse dar uma busca nas malas cheias de volumes, que possuo, espalhadas por vários países. Só no ano passado, vim a receber da Suécia os caixotes de livros que lá havia deixado. Nem pude olhar para êsses caixotes; encontram-se em Paris, guardados no galpão, onde meu amigo Louis Jouvet atira os cenários velhos do seu teatro. Talvez, ainda, se encontre o livro nos caixotes que tenho em Lausanne, na Suiça.

Encarreguei um livreiro em Paris, de procurar a obra, mas as minhas passagens ali têm sido rápidas e sem o nome do autor o livreiro não poderá conseguir grande coisa. O que devem fazer os interessados na matéria e que me têm perguntado pelo assunto, é gastar dinheiro e mandar fazer pesquisas em Paris, entre todos os memorialistas do tempo de Balzac. Da minha parte, contento-me em haver lido e guardado de memória o excelente episódio e reimaginado, a propósito dêle, sob as côres mais brilhantes, a figura do nosso patrício — mais brilhante parisiense, de certo, do que profundo historiador. Para mim, Balzac está acima das elegâncias de todos os "chevaliers", sejam êles quais forem, e suas maneiras, a meu ver, eram sempre boas. O memorialista ousava julgá-las, como tantos outros que achavam Balzac mal educado. Por isso, naturalmente, esqueci-lhe o nome...

Gilberto Amado encara-nos com o seu olhar sempre vivo e inquieto:

— Pois é isso meu amigo o que sei. Se acha que pode interessar o público...

Evidentemente, era um novo problema a surgir na biografia de Balzac, dizendo respeito, muito diretamente aos brasileiros.

E suscitava-o a curiosidade universal de Gilberto Amado, cujo espírito tanto tem servido a literatura.

O QUE NOS DISSE PAULO RONAI

Paulo Ronai, o organizador da edição brasileira da "Comédia Humana" e a nossa maior autoridade em assuntos balzaquianos, a quem interrogamos, logo depois dessa entrevista com Gilberto Amado, declarou-nos não conhecer o memorialista em questão, nada sabendo igualmente das relações entre Balzac e Pereira da Silva. O problema continua, pois, de pé a reclamar as pesquisas de quantos se interessam pelo autor de "Engenia Grandet". — B. B.

DECIMA MORTE

XAVIER VILLAURRUTIA

SE TENS MÃOS, QUE ELAS ME SEJAM
DE TATO SUTIL E BRANDO
APENAS SENSÍVEL QUANDO
ANESTESIADO ME CREIAM;
SEM OLHAR-ME, DE TAL SORTE
QUE NADA ME DESCONFORTE,
AO TE ROÇAR, AO TE VER,
PARA NÃO SENTIR PRAZER
E NEM DOR CONTIGO, MORTE.

EM CAMINHOS IGNORADOS,
PELAS FENDAS TENEBROSAS,
E VEIAS MISTERIOSAS
DE TRONCOS RECÉM CORTADOS,
TE VÊEM MEUS OLHOS FECHADOS
PENETRAR A ALCOVA ESCURA
E CONVERTER-ME A FIGURA
OPACA, FEBRIL, CAMBIANTE
EM MATÉRIA DE DIAMANTE
LUMINOSA, ETERNA E PURA.

NÃO DURMO PARA QUE AO VER-TE
LENTA CHEGAR, APAGADA,
E QUE AO OUVIR-TE PAUSADA
A VOZ QUE SILENCIOS VERTE,
PARA QUE AO TOCAR O NADA
QUE ENVOLVE TEU CORPO INCERTO,
E QUE A TEU CHEIRO DESERTO
POSSA, SEM SOMBRA DE ENGANO,
A TI SABER QUE ME IRMANO,
SENTIR QUE MORRO DESPERTO.

DOS SEGUNDOS O PONTEIRO
PERCORRERÁ SEU QUADRANTE,
TUDO CABERÁ NO INSTANTE
DÊSSE ESPAÇO VERDADEIRO
QUE LARGO, FUNDO E CERTEIRO
A TEUS PÉS, DÓCIL, TERÁS
DE MODO QUE O TEMPO FORTE
NOSSO ABRAÇO ALONGARÁ
E ASSIM POSSÍVEL SERÁ
VIVER MAIS DEPOIS DA MORTE.

EM VÃO AMEAÇAS, MORTE,
FECHAR-ME A BÔCA À FERIDA
E POR FIM A MINHA VIDA
COM UMA PALAVRA INERTE.
QUE POSSO PENSAR AO VER-TE
SE NA DOR QUE ME DEVORA
VIOLEI TUA DEMORA;
SE VENDO TUA TARDANÇA
PARA ENCHER MINHA ESPERANÇA
QUE EU NÃO MORRA NÃO HÁ HORA!

ALBERT THIBAUDET

Um agente de ligação entre a crítica universitária e a literatura viva

RAMON FERNANDEZ

ALBERT THIBAUDET ocupa um lugar central na crítica francêsa e européia. Foi essencialmente pela sua natureza profunda um agente de ligação entre a crítica universitária e a literatura viva, agente de ligação entre o pensamento francês e o pensamento estrangeiro, entre as letras, a história e a filosofia.

E' muito frequente ver a crítica dividir-se para reinar. Thibaudet não reinava senão pela união, a harmonia que estabelecia entre as maneiras de pensar e sentir, que sem êle permaneceriam, talvez, estranhas umas às outras.

Sabe-se que os maiores críticos francêses de outrora, de Sainte-Beuve a Faguet, passando por Lemaitre, testemunharam uma desconfiança e uma ignorância temíveis desde que se tratava de um autor contemporâneo, divorciado mais ou menos das tradições. E isso se tornava particularmente sensível com relação aos poetas. De Baudelaire ao simbolismo uma certa poesia, e muito importante, era quase ignorada pela crítica oficial. Basta lembrar que a primeira grande obra de Thibaudet se intitulava "La poesie de Stephane Mallarmé" e aparecia antes da guerra, para sublinhar, sob êsse aspecto, a originalidade do grande crítico.

Porque Albert Thibaudet, universitário de formação, rompera com as disciplinas de erudição desde a mocidade e envolvera-se nos movimentos da literatura mais avançada, nos cenáculos do simbolismo, na "Phalange" de Jean Royère e logo com os colaboradores da jovem "La Nouvelle Revue Française", que agrupava os escritores, empenhados, por voltas de 1908, em fazer eclodir sôbre o terreno simbolista um classismo renovado. Tinha êle, pois, a prática viva da literatura viva, da literatura em gestação, em experiência, incapaz de ser apreciada num época em que o afastamento era, mais do que nunca, sensível entre a literatura classificada, conhecida do grande público, e a do futuro.

Essa preocupação do vivo, da coisa em movimento, tornava-se natural num bergsoniano. Albert Thibaudet, realmente, tinha recebido de Bergson o choque decisivo, a revelação que nos fornece as grandes linhas das explicações das coisas. Sua filosofia do mundo era bergsoniana, como a de Stendhal se inspirara nos ideologos do século 18. Thibaudet admirava o filósofo da "Evolution Creatrice", não por ter êste, como se diz superficialmente, combatido a razão, mas ao contrário, por haver introduzido a razão nos domínios móveis e complexos que pareciam escapar-lhes. Aplicava êle, em suma, o método bergsoniano à história e notadamente à história das letras. Pois êsse crítico era, antes de tudo e profissionalmente, um historiador e mais ainda um geógrafo. "Agregé" de história e geografia, Thibaudet possui um torneio de espírito geográfico, não sòmente no sentido próprio, mas figurado, gostando muito de apresentar o domínio literário como uma vasta paisagem de planos contrastados. Seu maior prazer era ter sempre em vista o conjunto dessa paisagem e ali situar cada obra em seu devido lugar.

Isso fêz dizerem dêle que se preocupava mais em classificar do que em julgar. Afirmação exata, apenas em parte. Declarava-me, êle próprio, um dia, em que lhe comuniquei essa opinião a seu respeito, ter um escritor de antes da guerra, Remy de Gourmont, creio, aludido a certos contemporâneos, como "espíritos sem declive". Essa metáfora geográfica reduzia-o extraordinàriamente. Convinha-lhe ser "sem declive", isto é, não tomar partido muito pronunciadamente. Mas julgava muito bem, embora com discrição. Quero dizer que de uma simples classificação de Thibaudet nascia, naturalmente, um julgamento sôbre a obra, mas desenhado em transparência, como em filigrana. Por outro lado, êsse espírito tão sereno nas coisas do espírito tinha um julgamento moral bastante inflexível, que não se exprimia, entretanto, senão oralmente e na intimidade.

Amante da literatura viva, historiador à moda de Bergson, Thibaudet era também um humanista, um erudito da melhor estirpe. Seus conhecimentos das letras antigas e dos séculos clássicos, que retomaram o facho da Grécia e de Roma, era mais ou menos inesgotável. Tais as suas crônicas sôbre Ronsard, suas páginas admiráveis sôbre Shakespeare e George Eliot, livros, como "La Campagne avec Thucydide", "Heures de l'Acropole", testemunhando essa familiaridade com as obras do passado, de todos os passados, só peculiar aos verdadeiros humanistas. Acreditava êle nas constantes da história, ao mesmo tempo que no movimento necessário dêste último. E um historiador e geógrafo, nas suas condições, não podia deixar de interessar-se pelas questões políticas do país. Seus estudos sôbre os partidos professôres, sôbre os partidos políticos na França, sôbre Lyautey, Barrès, Poincaré, denominados por êles "Príncipe da Lorena", permanecerão entre os documentos valiosos do nosso tempo.

Êsse homem universal, êsse humanista, como hoje não existe mais, quase não acreditava em si mesmo. No ano anterior ao seu falecimento, como num ligeiro retrato que dêle fiz, aludisse aos seus conhecimentos gastronômicos (pois que êsse borgonhês da gema não ignorava coisa alguma da "bonne vie"), escrevia-me êle: "E não creia guarde, eu, egoìsticamente, o segrêdo dos bons restaurantes. A fraca erudição de um modesto cliente dos negociantes de vinho está tôda à sua disposição". "Modesto", "Modéstia": está nessas palavras todo Thibaudet. Não parecia êle crer no seu próprio valor, na sua própria importância em todos os domínios. E êsse pudor no-lo torna mais caro e engrandece-o em nossa lembrança.

PALAVRAS & IDEIAS

MANUEL DIEGUES JUNIOR

UM livro como êsse "Dicionário Analógico da Lingua Portuguêsa" é coisa de uma utilidade que ressalta à primeira vista. Seu autor, o Sr. Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, falecido, infelizmente, antes que viesse à luz da publicidade êste livro, teve a paciência de um trabalho verdadeiramente beneditino. Reunindo as palavras que exprimem uma mesma idéia, ou seja, as idéias afins, e ao lado as acepções antagônicas, conseguiu o autor realizar um trabalho de rara eficiência.

Diga-se de comêço que a utilidade dêsse dicionário não se restringe a estudantes ou a simples estudiosos; estende-se, igualmente, a professores, a jornalistas, a escritores. Porque não é, no fundo, um manual de arte de escrever, ou um tratado de estilo, mas é sobretudo uma fonte útil para o enriquecimento de vocabulário para quem escreve quotidianamente. Talvez seja esta, sem dúvida, sua maior importância.

Evidentemente, um escritor não se faz nem se cria através de tratados de estilo ou de arte de escrever; nem igualmente com dicionários de sinônimos ou de antônimos ou de qualquer natureza. Nada disso faz ou, mesmo, melhora o escritor se êste já não nasce feito, com sua vocação traçada, com sua inclinação manifestada. É arte ou tendência que vem do berço, não determinada por outras razões.

Mas é fora de dúvida, também, que a convivência com dicionários, bons dicionários é claro, ajuda o escritor, dá-lhe riqueza vocabular, permite-lhe certa flexibilidade linguística. O que não se verifica entre aquêles que têm um vocabulário reduzido, simplificado, restrito a determinado número de palavras. Tanto maior, por tudo isso, a utilidade e a valia de um "Dicionário Analógico", utilidade e valia que justamente encontramos nesse trabalho de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo.

Se bem não haja entre nós o costume do uso ou mesmo de consulta mais constante a obras de referência, pois a muitos consultar dicionário ou enciclopédia não parece de boa expressão intelectual, creio que a um livro como êsse não se pode deixar de louvar pelo que vale em si e também pela colaboração que presta à ampliação do vocabulário cotidiano. Na verdade, para quem escreve diàriamente ou quase diàriamente há mister variar as palavras, sem que lhes prejudique o sentido. O recurso a êsse "Dicionário Analógico" é, pois, de necessidade imperiosa.

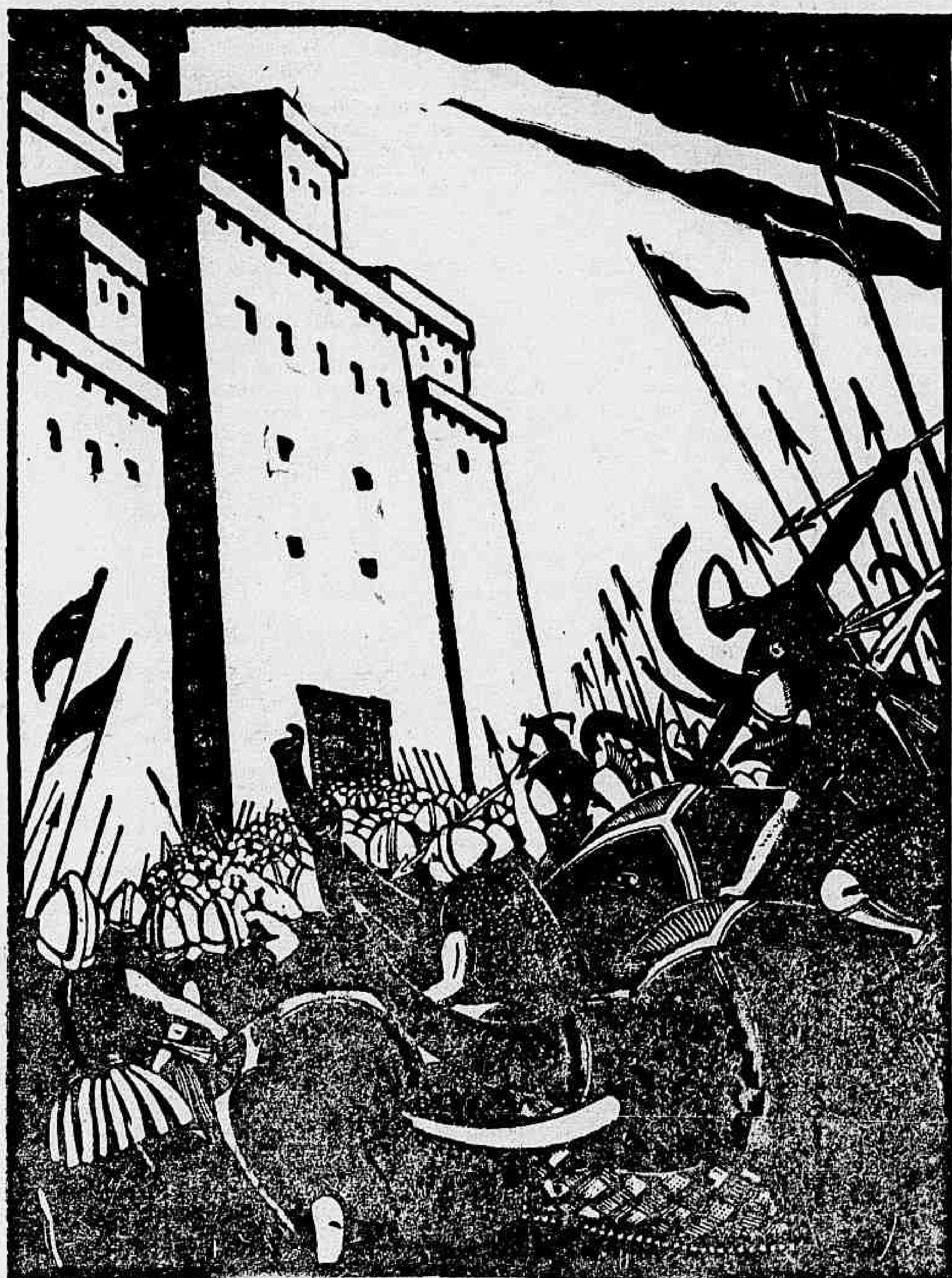
Vamos admitir, por exemplo, que se queira referir à habilidade de determinado político e vale a pena tocar nesta palavra "habilidade" nesta época de choques partidários, em que cada corrente procura ser mais hábil do que a outra, embora nem sempre se saindo desta maneira. Se o jornalista ou o escritor não quiser repetir em seu artigo a palavra habilidade, encontra para ela uma série infindável de têrmos afins; pelo menos 93 palavras adequadas, sem falar nas formas de verbo, de adjetivo ou de advérbio, que podem ser usadas no mesmo sentido. E com a ajuda da acepção antagônica, ainda poderá dizer muita coisa a respeito de quem não teve habilidade.

De um político ou de um partido dotado de habilidade pode-se dizer que tem aptidão, suficiência, engenho, jeito, arte, tato, maneira, indústria, competência, tino, atilamento, perspicácia; tem ainda, se quisermos usar outras expressões, astúcia, manha, ardileza, tática, malabarismo, flexibilidade. Podem usar-se também expressões delicadas ou mais maneirosas, ou simplesmente hábeis; e então diremos que tem prenda, talento, gênio, saber, ciencia, técnica, pendor, queda, sabedoria, finúria, sagacidade, inteligência, agudeza de espírito, e por aí em fora.

Mas aí do que se saiu sem habilidade! Lá no verbete 699 encontrará o escritor ou jornalista tôda uma série de palavras para definição de inabilidade do elemento a que visa. E lá sairão desaso, desastre, inércia, inaptidão, imperícia, incompetência, bisonhice, acanhamento, insuficiência, inépcia, esturdia. Também se poderão usar o agir desastradamente, desatinar, comprometer-se, dar com o nariz, não saber a quantas anda, meter-se em maus lençóis, ser mal sucedido. E assim por diante. O que, como simples amostra, bem diz da valia dêsse "Dicionário Analógico da Lingua Portuguêsa".

Seu autor era goiano e dedicou longos anos de sua vida ao preparo dêsse minucioso cabedal de conhecimentos. Antes de sair à luz seu livro, falecia o professor Ferreira dos Santos em sua cidade natal — a velha capital de Goiás. Não pôde o professor Ferreira dos Santos ver premiados, com o aplauso público, os esforços a que se dedicara por longos anos, numa continuidade de pesquisa e de estudo que só a morte interrompeu. Com êsse Dicionário de idéias afins, atingia o professor goiano ao ponto alto de sua carreira de mestre e de autor; é a herança que êle deixou a discípulos e admiradores — êsse excelente "Dicionário Analógico da Lingua Portuguêsa".

Herança, sem dúvida, das mais ricas, porque será sempre insuficiente todo o aplauso que se possa dar a essa obra. Falar de sua utilidade seria supérfluo, como supérfluo será também dizer quanto ao valor de trabalho que representa êsse livro. Antes cabe aos que escrevem, utilizá-lo, consultá-lo, ler-lhe as lições, e ver se não é realmente proveitoso; com isso enriquece-se o vocabulário de todos os dias, podendo-se melhor expressar um pensamento. E é o que proporciona êsse dicionário, cujas páginas, aliás, refletem a riqueza da lingua portuguêsa.



Xilogravura de ROBERT GIBBINGS

PANORAMA LITERÁRIO



Cartas inéditas de Bernanos à Tristão de Ataíde



Quatorze cartas inéditas de George Bernanos foram publicadas no número de agosto da revista "Esprit". Datadas de 1940 e 1941 são elas dirigidas a Alceu Amoroso Lima — "an philosopre bresilien Amoroso Lima — e constituem uma verdadeira justificação da obediência do cristão a Igreja, por esse "grand insurgé", que foi o autor de "Sous le soleil de Satan".

Correio de Paris

Um irmão de Gertrude Stein

Acabam de aparecer em tradução francesa os fragmentos do diário intimo de Leo Stein, irmão da famosa escritora alemã de vanguarda Gertrude Stein. Num desses fragmentos, conta êle por que se separou do irmã, quando esta começou a fazer o que êle chama o "Picasso" em literatura."

Um livro sôbre V. Garcia Calderón

Herbert Van Leysen publica um livro sob o titulo: "Ventura Garcia Calderón, un athénien du Pacifique", ensaio sobre o admiravel escritor peruano, tão conhecido na França e também no Brasil, onde já exerceu um cargo diplomático.

Homenagem a Saint Exupéry

Os escritores franceses estão empreendendo um movimento junto ao governo para que seja dado o nome de Saint-Exupéry a uma das bases aereas da França. A campunha tem tido a melhor aceitação em todos os meios intelectuais.

O espírito de Jouvet

"Les Nouvelles Littéraires" alude a uma curiosa frase de Louis Jouvet, que acaba de ser promovido a comendador da Legião de Honra:

— Um egoista é aquele que fala de si, quando lhe queriamos falar de nós.

As férias de Malraux e Robert Merle

André Malraux, já inteiramente refeito da doença que o acometeu, acaba de deixar Paris, para passar as férias em Concarneau.

Enquanto isso, Robert Merle, autor de "Week-end en Zupdecot", livro que tanto sucesso fez ultimamente, desfruta suas férias na ilha Majorca.

Novo livro de Thierry Maulnier

"Langages" é o titulo do ultimo livro de Thierry Maulnier, ensaista de primeira ordem, já autor de um magnifico trabalho biocritico sobre Racine. Trata-se, desta vez, de penetrante análise critica do estilo de vários escritores, uma espécie de metafisica do estilo.

Faleceu a jornalista Andrée Viollis

Faleceu recentemente a escritora e jornalista francesa Andrée Viollis. Iniciara-se ela na imprensa durante a guerra de 1914 quando Lord Northcliffe a ligou ao "Times" e ao "Daily Mail" com um contrato quase unico nos anais do jornalismo. Seu nome tornou-se conhecido no mundo inteiro com os comentários de politica internacional de sua autoria através da corrente dos referidos jornais.

Sommerset Maugham ator?

O jornal "A Ordem", de Natal, Rio Grande do Norte, noticiando livros de Sommerset Maugham, editados pela Globo, alude à "Coleção Nobel", escrita romanescamente pelo grande autor e ator do cinema americano Sommerset Maugham". Sem falar nessa confusão da "Coleção Nobel" ser escrita romanescamente, não podemos deixar de admirar o achado. Maugham erigido à qualidade de autor e ator cinematográfico!...

"Lendas e superstições" de Ademar Vidal

Em edição "Cruzeiro", o escritor Ademar Vidal apresenta, em um volume de mais de quinhentas páginas, o livro "Lendas e Superstições", no qual focaliza histórias populares e fábulas do nordeste. Trata-se de um livro de grande importância, não só pelas qualidades de estudioso social que revela em suas páginas, como também porque constitui uma admirável coletânea da história mágica da zona nordestina, mormente da Paraíba.

Homenagem à Memória de Anaxagoras Barreiros

Na reunião do domingo último da Academia Paraense de Letras, em Belém do Pará, um dos mais destacados membros dessa instituição, o escritor Georgenor Franco, pediu que fôsse consignada na ata — sendo a sua própos ta unanimemente aprovada — um voto de pesar pela morte do nosso querido companheiro Anaxágoras Barreiros, redator de "A MANHÃ" e filho daquele Estado. Foi uma homenagem justissima, pois Anaxágoras, cujo desaparecimento prematuro consternou a quantos trabalham nesta casa, muito mereceu de todos que o conheceram, não só pelos seus atributos de profissional competentissimo, como pelas suas altas qualidades humanas.

Guerreiro Ramos comparecerá a uma reunião internacional sôbre grupoterapia

O prof. Guerreiro Ramos foi convidado a participar de "meeting" patrocinado pela Associação Americana de Psiquiatria, a realizar-se em maio de 1951, em Cincinatti e no qual se estudarão as possibilidades da aplicação em massa da psicologia social. Nesta ocasião, sociólogo brasileiro apresentará um trabalho sôbre o tratamento psicológico do problema do negro brasileiro. O prof. Guerreiro Ramos, foi também eleito para o "Board of Contributing Editors" do "Journal of Sociopsychopathology and Sociatry", de Nova Iorque.

"Cultura"

Encontra-se em circulação mais um número, o terceiro, da esplêndida revista "Cultura", editada pelo Ministério da Educação e Saúde e sob a esclarecida direção do escritor José Simeão Leal. Bem feita como sempre, publica o presente número trabalhos de Eurico Nogueira França, Mario Barata, M. Boudin, E. Mira y Lopez, Munhoz da Rocha Neto, Otavio Tarquino de Souza, Sebastián Salazar Bondy, Newton Freitas, Josué Montello, Lucia Miguel Pereira, T. S. Eliot, Murilo Mendes, Antonio Bento, Carlos Castelo Branco, J. Mattoso Câmara Jr., Raymundo Souza Dantas, Eustágnio Duarte, Willy Lewin, Otto Maia Carpeaux, Manoel Lieques Junior e outros.

"Cântico dos cânticos"

Numa excelente tradução de Jamil Almansur Haddad e com sugestivas ilustrações de Oswald de Andrade Filho, acaba de ser lançado pela Edição Saraiva o poema bíblico "Cântico dos Cânticos", atribuido a Salomão. Não poderia ter sido escolhido melhor tradutor para esses versos, pois Jamil Almansur Haddad, além de magnifico poeta e crítico, é profundo conhecedor da poesia oriental em todas suas sutilezas e mistérios. Temos agora, enriquecida com um substancioso prefácio, mais uma esmerada transposição brasileira desse poema de beleza imorredoura e que, segundo diz o tradutor, foi feito "menos para a inteligência que para os sentidos, é poema sobretudo para o olfato e os versos, se de um lado devem ter a majestade de Jerusalém ou Tirzá devem trazer, por outro, nos seus vestuários, a fragância do Líbano, o Líbano de cedro, pinheiro, cipreste, carvalho, oliveiro, açafrão e cinamomo"

"Futebol", centauros e outros animais"

Será publicado, em breve, o segundo livro de Vital Passos. O autor de "ZEBUEIDA", intitulou sua segunda obra, que é uma agudissima satira ao futebol, à politica etc., de "Futebol, centamos e outros animais". O livro sairá ilustrado com mais de vinte caricaturas e "charges" dos principais artistas nacionais, entre os quais, a figura do nosso companheiro Appe.

O humorismo entre os livreiros

O Altamiro, da Livraria José Olimpio, com seu delicioso temperamento rabelaisiano, é um homem de espirito, a força de presencear o espirito... ou a falta de espirito dos escritores que por ali diàriamente passam.

Há pouco, chegou um freguês à livraria, perguntando se tinha o "Bobo", de Alexandre Herculano.

E o Altamiro que o atendeu:

— O "Bobo" não temos no momento. Não serve o "Idiota"?

Outro dia achava-se ali muito preocupado um escritor, porque precisava escrever um artigo sobre Guerra Junqueiro e lhe faltava documentação.

— Por que não escreve antes sobre a guerra da Coréia — interveio solicito o Altamiro.

1.º Aniversário do "Jornal dos Novos"



Entra em seu segundo ano o "Jornal dos Novos", o fecundo movimento empreendido pela romancista Dinah Silveira de Queiroz para dar oportunidade a jovens escritores desconhecidos, e que foi iniciado com a "Crônica dos Novos", cujo primeiro aniversário se celebrou em 4 de maio passado. O "Jornal dos Novos", dirigido pela autora de "Margarida La Rocque" e secretariado por Fausto Cunha, critico literário de "A MANHÃ", um dos elementos surgidos sob a égide da grande romancista brasileira, tem desenvolvido uma campanha de apresentação de valores novos das mais felizes, porquanto, em seus 12 primeiros números, trouxe a público — juntamente com a "Crônica dos Novos" — quase uma centena de cronistas, contistas, poetas e articulistas, merecendo especial destaque os desenhistas e ilustradores, como Luiz Canabrava, Sorensen, G. Ribeiro, Noemi, Paulo O. F., Tiziana, G. Rodrigues, Rocha Filho, Appe, etc., que muito valorizaram o suplemento literário dos novos de "A MANHÃ". A repercussão em todo o Brasil tem sido das mais intensas, recebendo essa página elogios e estímulos de figuras consagradas de nossas letras, e até mesmo do exterior.

A SENTENÇA QUE LIBERA O "ULISSES", DE JAMES JOYCE

Como se sabe, o grande romance de James Joyce, "Ulisses" quando editado pela primeira vez nos Estados Unidos, foi apreendido, em virtude de uma lei que ali proibe a circulação de escritos licenciosos. "Ulisses" incorreu, assim, na acusação de livro obsceno e os que já leram a obra bem sabem quais os seus trechos, cuja interpretação erronea poderia determinar essa medida.

Não se conformando com a apreensão, o editor apelou para os tribunais, onde teve ganho de causa. Longa e esclarecida é a sentença em que o juiz Woolsey libera o celebre romance. Nessa página curiosissima, como já bem observou o nosso companheiro Alcantara Silveira, o magistrado americano teve ainda o mérito de firmar uma jurisprudência sôbre a questão. Com referência, por exemplo, a certos termos que feriram o pudor de muita gente, exprime-se êle assim: "O uso acidental de algumas palavras, geralmente consideradas sujas, e nas quais não faltou quem vive uma preocupação excessiva pelo sexual, foi exigido pela necessidade do autor realizar o seu tema". Mostra o juiz as exigências do realismo de Joyce, pois tais vocabulos resultavam, não de um proposito obsceno, mas d... caracterização dos perso...

"Se alguém se ... a entrar em contato com a ... retratada por Joyce, isto conce... fôro intimo de cada um. N... não deve ler o "Ulisses". Mas quando Joyce, com o seu poder de sugestão extraordinário, nos dá um quadro real da classe media de uma cidade européia, por que se há de proibir legalmente o público norte-americano de ver êsse quadro?".

Reiterando as convicções de que Joyce não escreveu o livro com intuitos pornográficos, entra no exame da significação do termo "obsceno", definido pelo código como aquilo que tende a provocar impulsos sexuais ou pensamentos impuros Ora, essa reação, a seu ver, deve ser experimentada em pessoas presumidamente normais, sob o ponto de vista sexual. Foi justamente o que êle fez. Deu o romance para ler a dois amigos, nos quais julgava reunidas essas condições de normalidade, e nenhum deles achou o livro capaz de provocar pensamentos impuros ou impulsos sexuais. A experiência acabou por convence-lo sôbre a liberação do livro. Ressalva, no entanto, tratar-se de uma obra "um tanto forte para pessoas sensiveis, mesmo normais," não constituindo isso motivo ponderável contra a legalidade de circulação de "Ulisses", nos Estados Unidos.



James Joyce

Ultimas Edições

Geir Campos publicou, iniciando as atividades editoriais da revista "Literária", "Rosa dos Rumos" volume de versos.

Em edição de "Letras da Provincia", de Limeira, encontra-se nas livrarias o novo livro de João de Souza Ferraz, "Compreensão Fenomenológica das emoções", ensaio sôbre aspectos psicológicos da filosofia existencial.

"A inutil espera" é o título da nova coletânea de versos de Dirceu Quintanilha, lançada há pouco, com capa de Santa Rosa, em edição Pongetti.

Abelardo Duarte publicou interessante biografia de La...disiau de Sousa Mello Netto, considerado pai da arque...logia brasileira e estudioso da Antropologia, Etnografia, Bo...tânica, etc. "Ladislau Netto" foi publicado pela Impren...Oficial de Alagoas.

A Editora do Globo acaba de lançar a "Antologia do Ne...gro Brasileiro", organizada pelo Sociólogo Edson Carneiro.

Alcantara Nogueira publicou recentemente, em ediç... Pongetti, um tratado de filosofia: "Universo".

Próximas Edições

Domingos Carvalho da Silva, o grande poeta da jovem ...ção paulista, publicará, proximamente, pela Companhia ...tora Panorama, uma "Introdução às poesias completas de ...rigues de Abreu".

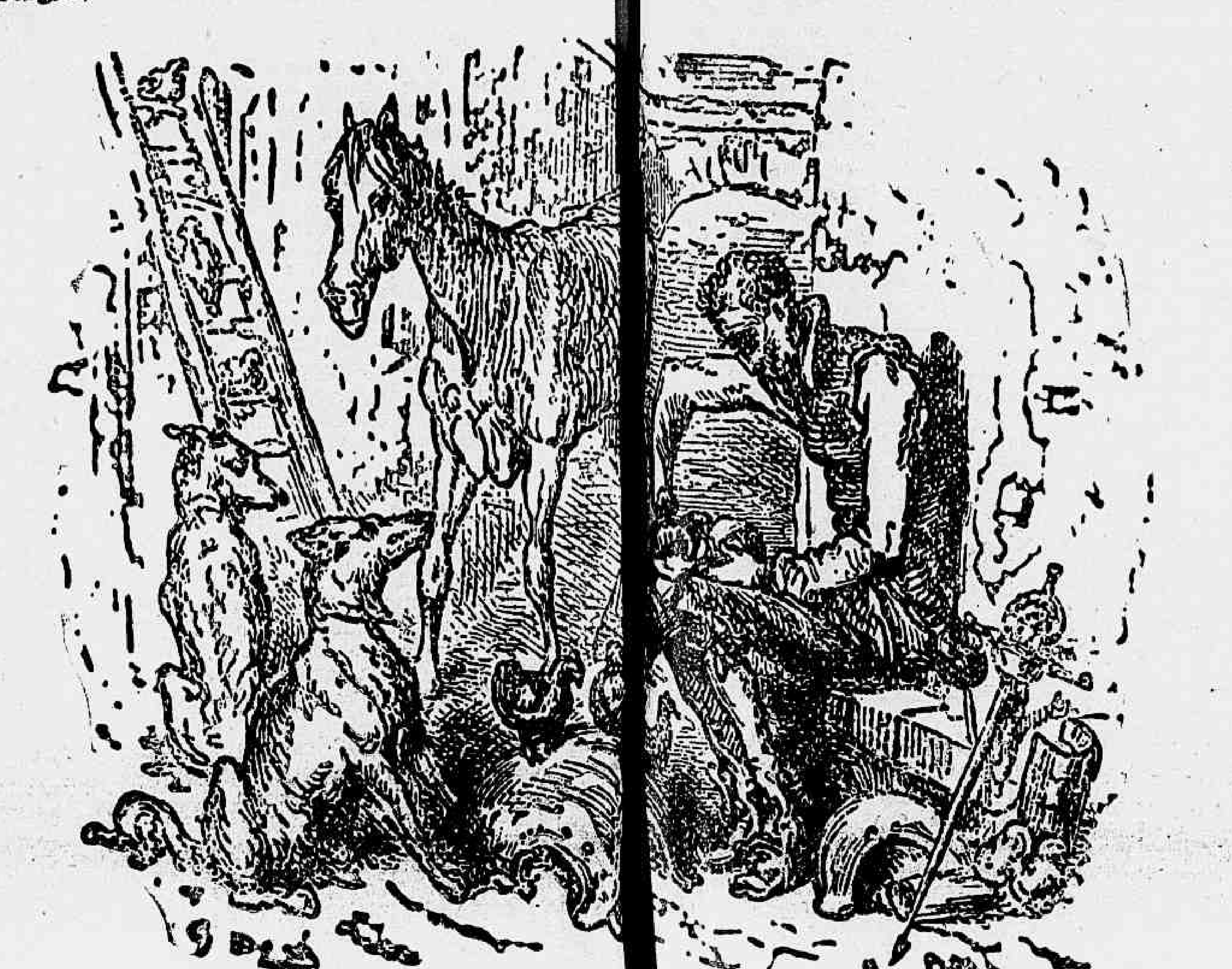
"Contos de Apredir" é o título do livro com que o poeta ...tos Drumond de Andrade estreiará, dentro em breve, no ...ro das pequenas histórias.

Mais um romance de José Lins do Rego, "Cangaceiros", ... anunciado para próximo lançamento.

Almeida Fischer vai publicar, ainda êste ano, seu novo ...ro de contos, "O homem de duas cabeças", em que reu... seus melhores trabalhos no gênero. O livro trará capa ... Santa Rosa e ilustrações de Lirio Abamo, Osvaldo Goeldi ... Ellen Kerr.

"Elegias e outros poemas", volume de versos que assina... a estréia de Mauro Mota, deverá ser lançado no co...ço de 1951.

Está sendo anunciado, para breve aparecimento, o novo ...ro de Xavier Placo, intitulado "Imagens da Cidade", co...ne de crônicas sôbre coisas e fatos da Cidade Maravilhosa.



GUSTAVE DORE' — Ilustração para "Dom Quixote", de Cervantes

O romance de José Ferreira Landim

Distinguido com o prêmio "A Cigarra" no grande concurso de romances da revista "O Cruzeiro", acaba de sair "O Barranco", de José Ferreira Landim. E' um romance que projeta um conflito social, desenvolvido por um romancista que se revela dominando habilmente o seu "métier", cheio de virtudes próprias.

E' uma das melhores estréias do ano, que traz para a nossa paisagem literária um romancista de excelente qualidades, selecionado aliás entre centenas de originais.

"Retalhos da vida de um médico"

Fernando Namora, poeta e romancista, figura de primeira plana das gerações novas de Portugal, publicou, recentemente um livro em que revela suas experiências médicas, profissão por ele exercida na vida civil. O volume intitula-se "Retalhos da vida de um médico" e embora cada capítulo possa ser lido como um conto, reproduz sempre a verdade vivida pelo escritor. Vários problemas humanos e de ética profissional, Fernando Namora agita nesse livro, sobretudo os relativos ao médico de aldeia, pois na provincia portuguesa iniciou ele a sua carreira.

Bernard Shaw, sempre em forma

Bernard Shaw acaba de completar noventa e quatro anos. No dia do seu aniversário, felicitado por um jornalista, que lhe pediu notícias da saúde, respondeu ele, com a sua costumeira chocarrice:

— Meu jovem amigo, na minha idade, a gente ou vai sempre bem de saúde ou já morreu há muito tempo.

"Panorama da nova poesia brasileira"

No fim dêste mês, deve estar nas livrarias o "Panorama da Nova Poesia Brasileira", organizado por Fernando Ferreira de Loanda, e que vai constituir um dos mais importantes empreendimentos editoriais da revista "Orfeu". Mais de vinte poetas da nova geração comparecem a essa antologia, que fixa em suas páginas um dos momentos mais fascinantes da evolução lírica da atual poesia brasileira. O rigor dessa antologia, selecionando vinte e poucos nomes entre dezenas e dezenas de jovens poetas, ao mesmo tempo que fixa o critério do seu organizador, facilita o trabalho de apreciação crítica, uma vez que o público vai estabelecer contacto apenas com os poetas que já adquiriram uma certa expressão pessoal, quando não for o caso daqueles que, como João Cabral de Melo Neto, Lêdo Ivo, Bueno de Rivera, Domingos Carvalho da Silva, Marcos Konder Reis, Péricles Eugenio da Silva Ramos, José Paulo Moreira da Fonseca, Afonso Felix de Souza, Darcy Damasceno e alguns outros, já conquistaram sua posição literária e foram amplamente analisados pela crítica.

"Obra Poética", de Jorge de Lima

O acontecimento literário de maior importancia da atualidade artística é sem dúvida o lançamento da "Obra Poética" de Jorge de Lima, na qual o grande e famoso poeta brasileiro reune a totalidade de sua bagagem lírica até os dias de hoje. Apreciada de conjunto, desde os sonetos parnasianos até a fase regionalista, a etapa de inspiração religiosa e a pungente fase dos últimos sonetos, essa obra de Jorge de Lima fornece ao leitor a chave de uma das maiores vocações literárias que já iluminaram o panorama brasileiro, através da realização de uma obra rica pela diversidade dos gêneros, pela inquietação espiritual e estética de seu autor, pela coragem da aventura que nela resplandece.

A edição atual, realizada pela Editora Getulio Costa, foi organizada pelo ensaista Otto Maria Carpeaux, que a anotou criteriosamente.

Clube do conto

O Clube do Conto, dirigido por Constantino Peleólogo, vai publicar a sua primeira coletanea, reunindo os contos já aparecidos até o presente. O Clube do Conto como se sabe publica um conto por semana, distribuido-o aos seus assinantes.

Os contos do primeiro voleme, que terá 360 páginas, são os seguintes: QUEM SABE? (Maupassant) — DE MORTUIS... (Collier) — O TESOURO DE VASCO GOMES (S. V. Benét) — LÓGICA INFLEXIVEL (R. Maloney) — A SERPENTE INTERIOR (Hawthorne) — O CARTAZ DE MR. MARTIN (J. Thurber) — MARJORIE DAW (T. B. Aldrich) — O DOM DE MR SèlDMORE (O. La Farge) — A MULHER ALTA (P. A. Alarcon) — AQUELE BRUTO DO SIMMONS (A. Morrison) — OS 47 RONINS (Anônimo) — A MOSCA VERDE (K. Mikszath) — UM CASO JURIDICO SEM PRECEDENTES (Pierre Louys) — UMA ESPÉCIE DE LEGADO (Donn Byrne) — A ARVORE DE NATAL E UM CASAMENTO (Dostoievski) — A HISTÓRIA DO PADRE (D. Bikelas) — A VOLTA DO FILHO PRODIGO (A. Gide) — UM DIA DE SORTE (J. M. Nunes) — GUAPEZA VALENCIANA (Blasco Ibánez) — CONFISSÃO DE ANO SANTO (H. Sudermann) — NO COMPO DE OLIVEIRAS (Maupassant) — A DESVENTURA DE PAULO CINELA (Conto popular napolitano) — O HOMEM E A SERPENTE (A. Bierce) — O PUNHO DE PRATA (Ferens Molnar).

Escritores de 12 nacionalidades e contos de todos os gêneros fazem parte desta primeira coletânea. Os que desejarem tornor-se assinantes do Clube do Conto, devem escrever para a Av. Nilo Peçanha, 236 sobreloja, Rio, ou telefonar para 22-3460.

Atividades das Edições João Calazans



As "Edições João Calazans", que em menos de dois anos de funcionamento, publicou cêrca de vinte volumes, dos melhores autores mineiros, anuncia agora a ampliação de suas bases econômicas, transformando-se em sociedade anônima. Ao mesmo tempo, promete o próximo lançamento de mais alguns volumes: "Superficie" — livro de estréia da jovem poetisa Maria Angela Alvim; "Poesias", de Emilio Moura, com prefácio de Carlos Drummond de Andrade; "O Romance de Vila Rica", de Ciro da Luna Dias; "Poesias", de Henriqueta Lisboa; e mais a audaciosa edição do novo livro de Lucia Machado de Almeida — "Passeio a Sabará", que será publicado em papel de luxo, tiragem ampliada e com mais de quarenta ilustrações do professor Guignard.

A música popular brasileira



O livro "Música Popular Brasileira" (Ed. Globo de Oneida Alvarenga, que acaba de ser entregue ao leitor, foi contemplado pelo prêmio Fábio Prado de 1945 e publicado pela primeira vez em lingua espanhola, na edição do "Fundo de Cultura Econômica". E' uma obra de extraordinário mérito escrita por uma discípula de Mário Andrade, que soube seguir inteligentemente a orientação do mestre, sem deixar de ser pessoal em seus pontos de vista e conclusões.

Curiosidades Literárias

O domínio público remunerado

André Billy comenta o fato de encontrar-se de há muito congelado na Assembléia Legislativa francesa um projeto sobre o dominio publico remunerado. Votado pela Camara dos Deputados, rejeitado pelo Senado, não tem êle mais probabilidade de ser votado em 2ª discussão no Palais Bourbon. "A maioria dos deputados, diz Billy — mudou de campo, privando assim a alta cultura e a profissão literária de um auxilio com o qual elas tinham o direito de contar."

O teatro nos Estados Unidos

O teatrologo vienense Ferdinando Bruckaner, atualmente residente nos Estados Unidos, em recente entrevista, declarou que o teatro ali não tem a grande importancia que lhe atribui na Europa. Basta ver que o apreciam em seções sob o titulo de "Divertimentos", nos jornais. Não deve, portanto, ser mais do que um divertimento.

Livros e estantes

Mark Twain não sabia onde guardar os muitos livros que possuia e obtidos em grande parte pelo conhecido processo de pedir emprestado. Certo dia, um amigo, aludindo a enorme quantidade de livros espalhados sobre os moveis, perguntou-lhe por que não os colocava em estantes.

E' que é muito dificil conseguir estantes emprestadas... respondeu o romancista.

Quanto custa uma imortalidade interina

Conta-se que Amadeu Amaral, na noite de sua recepção na Academia Brasileira de Letras, ao vestir, pela primeira vez, o fardão verde, ficou verdadeiramente embaraçado, pois era um homem desabituado a qualquer especie de luxo e gala. O que mais o embaraçava era a espada, que não sabia onde trazer chegando a supor até um equivoco e não pertencer aquele acessório à indumentária academica. Voltando-se, então, para um amigo, exclamou, a suar, pois a noite estava quentissima:

— Veja quantas provações para se passar a uma imortalidade interina...

Uma técnica nova no romance

EM 1921, Monteiro Lobato numa nota autobiográfica, publicada na revista "Novela Semanal", declarava que pretendia escrever um romance sensacional, começando por um tiro, nos seguintes termos:

— "Pum! E o infame caiu redondamente morto..."

Nesse romance introduziria uma novidade de grande alcance, qual a de suprimir todos os pedaços que o leitor pula.

EU VI PASSAR O SANTISSIMO

'ATTILIO MILANO

Eu vi passar o Santíssimo. Isto foi no comêço do século, no princípio da minha vida. Não tinha idade para saber que os dias são para datar os acontecimentos. A infância é um folguedo sem horas, um passeio sem horário. Dela nos vimos esquecendo à medida que descemos para a cova. Mas dêsse sucesso, talvez porque nunca mais o testemunhei, retive eloqüente a memória no enleio das primeiras sensações

A noite vinha vindo pacientemente do pico dos morros, baixava sôbre os telhados e ia saltar para a rua onde eu ainda vadiava, quando o carro do Santíssimo anunciou a sua presença por meio de uma sineta que badalava, badalava, de um modo tiritante, em sons lívidos que se liquefaziam como se fossem lágrimas audíveis. Nesse instante apagaram-se as estrêlas e o gasista ainda não acendera os lampiões. Quedou a noite tão enoitada que julguei estar duplicemente cego. Corri para a calçada de minha casa, com as mãos adiante, de quem tateia, e, estatelado no muro, com a atenção adiante, de quem tem mêdo, esperei a passagem do coche lúgubre. Gente ajoelhava-se próximo de mim, susurrando "E' o Santissimo!" Primeiro foi um português da vizinhança, depois a dona do armarinho, forçando o filho a imitá-la, atrás o preto Antenor, todos na pungente atitude de um temor que eu não lhes conhecia. "E o Santissimo!" Eu conhecia apenas vestígios de alusão àquela derradeira visita da igreja ao homem. "E o último sacramento em artigo de morte", ouvi certa vez. Em artigo de morte! Jámais vira um morto, minha mãe me poupava a imaginação de tôda angústia. Em artigo de morte! Acordava ali naquele momento a frase que eu retivera por não traduzi-la. Que artigo se anteciparia à morte? E nadava na intuição de que seria eterno, de que minha mãe e meus irmãos seguiam comigo isentos dêsse castigo! Que culpa cometíamos para que Deus nos ensurdecesse no sono misterioso? Um defunto era a conseqüência do pecado, para debaixo da terra iam ùnicamente os maus, de olhos vítreos, unhas de garra, nariz de águia e sem o céu da boca! Aqueles indivíduos curvados perto de mim, com as palavras borrifando as pedras do caminho, as pedrinhas contristadas por tanta humildade, não eram mais meus conhecidos: um vento funerário esbofeteava-os e caiam submissos. "Ajoelha, menino". Exigiu o velho viuvo da loja de louças, com os fios da barba ásperos de rigor. Aquele carro ia agora passar por mim, tão junto aos meus ouvidos gemeu o badalo do sacristão, percutindo lamentoso "Ai! Que o Senhor se comisere da alma de fulano. . ." Entrei pela porta de casa a dentro e me fui esconder no fundo do quintal. Meus dentes agarravam-se uns aos outros, secou-me um frio de sudário e as folhas tombaram dos ramos numa noção de fim. Depois o pensamento me alertou de que não devia temer o semblante de Deus! Ele ia de coche, saira do templo em noite tão muda, só para delir com o seu sangue a sêde febrenta do agonizante pecador. Perdão, perdão! Vim gritando e voltando para a rua. Havia pessoas paradas no jeito de quem espera: "Fôra no campo de S. Cristovam, coitado, com seis filhos pequenos e a mulher no meretrício! Pegara a galopante".

"E o Santissimo?" Perguntei. "Daqui a pouco estará de volta". Então a curiosidade tomou o aspecto do susto vencido e depressa pela calçada me fui postar na esquina. Era tanta a noite que esbarrei no frade da esquina. Era um frade de esquina? Era um frade de esquina. Vou-me ajoelhar, devo-me ajoelhar, vou sim. Dos vidros de tôdas as janelas irrompeu uma tristeza coada de vitrais de igreja e quando a sineta badalejou lá no fim da rua prevenindo do seu retôrno, um perfume harmônico de órgão me incensou as vísceras O coche aproximase. vou-me ajoelhar, já vem aí! Mas não me conteve a ânsia de espiar pra dentro dêle. Com o crucifixo fitando-lhe a cara raspada côr de cera distingui o sacerdote. Lembrava uma múmia sentada. E a cruz tinha reflexos de aço expandindo-se em látegos: "Ajoelha, judeu!" O sacristão era um rapazinho escanifrado que marcava o compasso em améns de bronze. E eu então de pé, tão inconsciente no mêdo como depois no pecado, entre o povo persignado prolongando-se "E o Santíssimo!" só atentava na cara do padre. lívida, agra, íngreme como a distância que afasta os meus lábios da remissão. Espetavam-se em minhas órbitas os reverberos do crucifixo expandindo-se em látegos: "Chora, criança, pelo futuro da tua carne..."

Agora era comigo! Voltei-me para novamente ocultar-me e esbarrei ainda no frade da esquina. Era um frade de esquina? Era um frade de esquina. Andava à minha espreita tanta noite que fugi desvairadamente. A sotaina do padre era negra! Era negra? Era negra!

—*—

"O Tempo e a Imagem do Céu"

(Conclusão da 9.ª pág.)

dade que não estivesse mais do que num estágio de erudição. O desenvolvimento desse carater de atividade das ciencias modernas cria um novo tipo de homens. O erudito desaparece, substituido pelo sabio. Seu trabalho é estimulado pela pesquisa e não pela erudição. Quase não tem êle necessidade de possuir uma biblioteca em casa. Está perpetualmente "em caminho", "em viagem". Vai tentar nas assembléias, informar-se nos congressos. Liga-se aos editores por contratos tais que são de fato estes ultimos a decidirem dos livros que êle deve escrever.

O sabio apressa-se, espontaneamente, para entrar no mundo dos técnicos. Para êle é este o unico meio de permanecer eficaz e conservar em seu trabalho um carater concreto. Ao lado disso, o romantismo, sempre mais "flou" e mais vazio dos eruditos e da Universidade não poderá subsistir por muito tempo. A unidade e a realidade da universidade não repousa mais, aliás, numa "soi-disant" unidade prima de todas as ciencias; já é uma disposição tornando possivel e pondo em evidência (por sua divisão administrativa) a separação das ciencias em especialidades e a unidade particular dessas especialidades. Por isso, as ciencias modernas não se tornam eficazes, senão tomando um carater de "atividade", que as pesquisas especiais podem dispor e construir na unidade que lhes é própria. O verdadeiro sistema da ciencia reside na unidade de progresso resultante dos planos e no comportamento com relação ao "Sendo", tomado como objeto de pesquisa.

A vantagem apresentada por esse sistema não reside numa unidade ficticia e rigida das relações das esferas de objetos, mas na mobilidade a um só tempo livre e ordenada de comunicação e intercalamento das pesquisas em suas tarefas sucessivas. Mais a ciencia se limita exclusivamente à atividades e ao controle do seu raio de trabalho, mais essa atividade é despida de ilusões nos institutos e nos centros em que é praticada, mais irresistivelmente e essencialmente: também se torna propriamente moderna. Na medida em que os sabios tomem o modernismo mais a sério, orientar-se-ão também de maneira menos inequivoca e mais direta para a utilidade geral e serão forçados a aceitar um anonimato que semelhante trabalho implica.

A ciencia moderna funda-se e divide-se, ao mesmo tempo, em projetos de esfera e objetos determinados. Os projetos desenvolvem-se nos processos garantidos pelo seu rigor O processo dispõe-se em atividade. O projeto e o rigor, o processo e atividade se implicam uns nos outros e constituem a essencia da ciencia moderna, fazendo com que ela seja uma Pesquisa.

Se estudarmos aqui a essencia da ciencia moderna é para descobrir seu fundamento metafisico. Que interpretação do "Sendo", que conceito da verdade são a causa da ciencia tornar-se uma pesquisa? Eis a questão que tentamos elucidar."

ROMANCE E TUBERCULOSE

PAULO DANTAS

A tísica, colocada diante do romance, é assunto fértil, que bem daria para um alentado estudo. Limito-me aqui em apresentar algumas notas para melhor elucidação do tema, que para mim se reveste de um interêsse particular.

Há uma sedução na enfermidade que muito atrái as imaginações dos romancistas, criaturas sempre ávidas por material humano a fim de desenvolver em seus livros. E a tuberculose e de fato um grande material para o romance, isso em vista do seu profundo sentido socio-emocional, pela sua agitação psíquica bastante mórbida. Tema atraente quanto difícil, ambicioso e ingrato. Vários foram os romancistas que naufragaram na sua abordagem, isso devido aos perigos movediços que a sedução do tema oferece. Vestir o tema com roupagens patéticas, truque já bastante explorado, hoje não surte mais efeito, levando o escritor, muitas vezes, a descambar para o ridículo. O patético nunca foi assunto fácil de ser abordado no romance. E preciso saber dosá-lo na medida do suficientemente humano, do comedido lógico. E o mesmo acontece com a insistência romântica, já bem fim de século. A época da "Dama das Camelias" já passou. A tuberculose é mais uma doença social, doença da fome e das necessidades econômicas, das privações, dos desalentos, dos abalos afetivos. E uma epidemia alarmante, assustando e ameaçando o mundo dos nossos dias. E assim ela deve ser encarada pelos romancistas modernos. — escritores que não cultivam o romântico, nem fazem praça forte, abusando do patético.

O romantismo campeou, livremente, no século passado, "o século de ouro da tísica", como já disse alguém. Nas letras foi um movimento poderoso, produzindo os maiores nomes da poesia universal. Isso merece respeito diante de uma estatística emocional ou literária. Mas, agora estamos em pleno século do social, das grandes preocupações e tragédias coletivas, das avançadas revolucionárias. Ser tísico no século XIX, era se aniquilar em câmara lenta, era "viver morrendo", adotando atitudes. Hoje, ser tísico é aumentar a cifra das tremendas estatísticas, é acrescentar um número a mais na terrível calamidade. O que ontem era atitude romântica, hoje é fatalidade social. E é, diante dêsse truismo, que o romance moderno deve encarar a tuberculose.

A tuberculose tem sido, no reino das moléstias crônicas, a mais contraditórias das doenças. Ela tem desafiado a paciência clínica dos médicos, assim também, como no terreno literário, vem zombando dos recursos técnicos dos romancistas.

Há diversos romances, contos, em todas as literaturas do mundo, escritos sôbre a tuberculose, o que bem mostra o grau de sedução exercido pelo tema. Há romances inteiramente passados em sanatórios, como "A Montanha Mágica", de Tomas Mann. "O Sanatório do Dr. Klebe", de Constantino Fedin ou "Os Cativos", de Joseph Kessel, só para citar três já vertidos para o português. Cada um dêsses romances apresenta uma face do problema, pois na tuberculose a multiplicidade dos aspectos aturde e comove, daí a dificuldade de se escrever um romance completo, satisfatório, sôbre o tema. A ingratidão pertence ao assunto, nasce mais da vastidão do tema, do caráter enciclopedico da doença.

UM DIA, SERA'...

GABRIEL DE LUCENA

No silêncio maldito desta noite comprida
Não consigo deter o pensamento que me alerta...
Abro os olhos no escuro. Os meus ouvidos atentos escutam...

Tudo respira compassadamente
No silêncio maldito desta noite comprida

E êste pingo teimoso que ficou da chuva!
E esta lata fanhosa respondendo
Ao capricho enervante dêste pingo!

Tudo respira compassadamente
Nesta noite comprida!

E o pensamento continuado, martelante,
Na vigília agitada desta noite me segreda:
Olha!
Os homens dão-se as mãos nesta mesma jornada,
E arrimam-se, contentes, lado a lado,
E curam-se as feridas mutuamente,
E amparam-se, felizes, na descida para a vida,
E cantam hinos na subida para a morte !

Os homens não conhecem mais a hipocrisia
E não mancham mais as mãos em sangue,
E curam-se as feridas mutuamente,
E amparam-se, felizes, na descida para a vida,
E cantam hinos na subida para a morte!

Mas,
A noite estende-se comprida,
E êste pingo teimoso que ficou da chuva,
E esta lata fanhosa respondendo
Ao capricho enervante deste pingo!

Meus olhos estão abertos e não vêem,
Meus sentidos despertos, meus nervos agudos,
Mastigados pelo pensamento,
Gritam blasfêmias que não sabem...

A canseira cega, enfim, os meus sentidos
Torturados pelo pensamento.

Minh'alma foge nos espaços,
Enquanto o corpo ressona.

E quando a luz do sol, entrando da janela aberta,
Queima-me a face desbotada,
O meu pensamento desperta, por que não dormisse ainda...

E grita:
Os homens Ah! Os homens
São a síntese de todo o egoismo universal,
O único animal perfeito,
Que, na dissimulação de todos os sentidos,
Tornou diferente o significado
Da palavra irmão...

Os homens! Ah! Os homens...
Olha por dentro dos olhos que te riem,
E compara a maioria dos sorrisos...

Os homens não se arrimam, contentes, lado a lado,
E não se curam das feridas mutuamente,
E não se amparam, felizes, na descida para a vida,
E não cantam hinos na subida para a morte!

Desperta, pois! Desperta! Abre os teus olhos!
Toma sôbre os ombros o que te cabe na vida!
Olha para o alto! Olha o nascente!
E um dia... Um dia... Que não seja longe,
Quando os homens compreenderem o grande sacrifício
Daquele que ensinou a vida da vida,
Dormirás... dormirás, então... dormirás, enfim...

Os homens curar-se-ão das feridas mutuamente,
E amparar-se-ão, felizes, na descida para a vida,
E cantarão hinos na subida para a morte!

O ROSTO

Conto de ALMEIDA FISCHER

SEI que ninguém me compreende e que todos me julgam doido Entretanto, vejo, sinto, ouço como os outros, percebo a friagem destas grades brutais que me tolhem os passos e a beleza inédita daquela flor que sangue pulsando ao sol como um estranho coração. Não digam que minto, que a realidade é outra e que não sei o que estou dizendo. Acaso não existirão milhões, bilhões, trilhões de realidades, uma para cada ser, conformada ao seu cérebro, ao seu mundo? Por que hei de aceitar como boa e infalível uma realidade geral que, íntima e secretamente, ninguém aceita?

Dizem que cometi um crime hediondo, que isto é um manicômio e que serei julgado brevemente. Serei julgado por quem? Por Deus? Nas aulas de catecismo D. Laura me afiançava que Deus é todo poderoso, é onisciente, justo e bom. Eramos duas dezenas de meninos e aprendíamos o que era um bom cristão e o que era preciso para ser um bom cristão, pensando nas brincadeiras da hora do recreio, nos balanços de correntes e nas barquinhas giratórias.

Não compreendo que crime é êsse a que se referem constantemente. me apontando dedos ameaçadores. Percebo que estão conluiados contra mim e tramam em baixas vozes algo de sinistro a meu respeito. Olham-me com receio e prevenção, como se eu fôsse capaz de um ato ignóbil, de um crime monstruoso. Um crime... É isso mesmo, afirmam que houve um crime e que minhas mãos estavam tintas de sangue

Minha filhinha estava com dois anos, agora me lembro bem. Andaram dizendo que não era minha filha, que não se parecia nada comigo. Depois, veio aquela maldita carta, contando coisas terríveis Minha filha era minha, sim, e me amava e me preferia à própria mãe.

Informaram-me que vou ser julgado logo que fique bom. Mas, não estou bom? Ah, sim. êles pensam que perdi a razão. Ainda darei um urro nesta cela que porei todos tremendo de pavor Êles não conhecem minha fôrça, estão enganados comigo. Tenho uma arma terrível, capaz de desgraçar a todos E' por isso que êles me temem. Ah, já descobriram meu segredo, mas pagarão muito caro tudo o que estão me fazendo.

Sou um médico de renome e de prestígio e tenho amigos na polícia. Êstes homens de branco que rondam minha cela o dia inteiro, hão de me pagar. São traidores e se uniram contra mim por inveja, para me roubar o hospital, os clientes e as descobertas que realizei. Eram todos empregados no meu hospital. Até meu assistente se uniu aos outros. Mas não faz mal, êles verão.

Ontem dois homens enormes me arrastaram a um salão, onde me amarraram num aparelho clétrico Querem me matar. mas eu os estraçalharei. Aquilo é uma cadeira-clétrica, pensam que não sei

O passado desfilando-lhe diante da memória como um filme. Joceli tinha uns olhos superlativamente verdes como uma esperança, os seios duros e empinados, de um moreno claro, os longos braços nús sempre prontos a abrigar-lhe o corpo, os cabelos molhados de mar, escorridos sôbre os ombros. E havia barcos de pesca sôbre o mar tranqüilo, movediços pontos brancos que se apagavam na distância, que se afastavam para além do horizonte.

Joceli nadava bem e o fazia acompanhá-la perigosamente para longe da praia. As vezes mergulhavam juntos e ela o envolvia, no fundo do mar, como um diabólico polvo. Em pé na praia, a companheira e a filhinha ao lado, brincando na areia, seus olhos acompanhavam ansiosos os navios que se afastavam para outros portos, para outras terras, um sabor de despedida amargando-lhe a bôca, um inconsciente desejo de fuga inquietando-lhe a alma.

— Vamos nadar, meu bem?

Puxava-o pelo braço, com insistência, implorava-lhe com aquêle seu jeitinho encantador de falar. Depois ria muito, a propósito de nada. Nadavam para longe, para além dos barcos de salvamento.

Todos os sábados trazia a família a Santos Muitas vêzes deixava Joceli e a filha passarem o resto da semana na praia, enquanto voltava ao trabalho. O mar exercia-lhe uma grande e irresistível atração. Vira já entrarem no pôrto e sairem centenas de navios grandes e pequenos, de passageiros, de carga, vasos de guerra enfeitados com enormes canhões, saveiros de velas brancas, transportando peixes, lanchas a motor divertindo turistas nacionais e estrangeiros. Seu pensamento fizera também centenas de viagens, acompanhando o roteiro das embarcações que se afastavam pelo mar a dentro, fundamentado apenas no "placard" de saída dos navios. Alma de marinheiro exilado em terra firme, os apêlos do desconhecido gritavam angustiantemente em seus nervos e ardia em seu sangue, constantemente, aquêle profundo desejo de fuga para outros mundos.

Nesse verão, ficou sózinho na praia. Joceli tinha morrido afogada no fim da primavera. Em frente ao mar, solenemente, como se estivesse diante de Deus, seus olhos buscavam sôfregamente a distância, onde rosas de fogo boiavam Em que pôrto teria ancorado o barco de Joceli?

Minha filha era minha, sim. Por que insistiam em me ferir, em criar dúvidas terríveis em meu cérebro? Mas aquêle rosto, aquela cabeça braquicéfala, aquela maldita semelhança, doendo em mim, martirizando-me, Joceli não seria capaz disso, era meiga e boa, mas a carta contava tudo, entrava em minúcias inesperadas e desconcertantes e insistia em acentuar a insuportável semelhança.

Ah, o rosto de minha filha me perseguindo, crescendo nos sonhos, refletindo-se em tudo, bailando no ar doidamente, multiplicando-se em milhares de rostos que me fixavam olhares apunhalantes. O rosto de minha filha no céu. O rosto de minha filha nos azulejos brancos da sala de operações. O rosto de minha filha me olhando no brilho metálico dos instrumentos cirurgicos.

Minha filha era minha, sim, mas eu precisava modificar seu rosto, extirpar-lhe da fisionomia a maldita semelhança. A população da cidade já sabia de tudo, com certeza. Meus amigos, meus clientes, todos já sabiam do caso, pois me olhavam curiosos. me analisavam às escondidas e cochichavam entre si. Quando eu saia à rua, conduzindo minha filhinha pela mão, muitos paravam sob o pretexto de brincar com a menina, mas eu sabia que assim procediam a fim de poderem examinar melhor seu rosto, seus traços fisionômicos. Todos já sabiam. com certeza. Eu precisava arrancar do rosto de minha filha a máscara miserável Os traços do outro, a semelhança com o outro.

Sou o maior cirurgião do mundo e já transformei rostos cansados e enrugados em rostos belos e adolescentes. Minha filha haveria de ser absolutamente parecida comigo. Ninguém mais duvidaria de que eu fôsse seu pai. Ninguém mais nos examinaria curiosamente e nem riria de mim Sou o maior cirurgião do mundo e posso fazer milagres na sala de operações. Êles, os tolos, não sabem quem sou. Dizem que cometi um crime hediondo e que serei julgado logo que fique bom. Mas eu não tenho nada e êles estão enganados se esperam que me sente novamente na cadeira-elétrica. Pensam que serei julgado. os imbecís. Mal sabem que daqui a pouco minha filha estará viva, forte e com um novo rosto Olhem aquela grande e inédita flor de sangue pulsando ao sol como um estranho coração. É minha filha que volta à vida. Já preparei tudo e agora é preciso apenas que o sangue seque. Seu pulso está normal e daqui a minutos, rediviva e bela, ela caminhará para mim. E nós passearemos triunfalmente pelas ruas.

"O TEMPO E A IMAGEM DO MUNDO"

Um trecho inédito do próximo livro de Heidegger: "O sábio apressa-se espontaneamente para entrar no mundo dos técnicos".

COMO já tivemos ocasião de noticiar, o nosso correspondente na Europa, Louis Wiznitzer está traduzindo para o francês o ultimo livro do grande filosofo alemão contemporaneo Heidegger, cujo titulo será "Le Temps et l'Image du Monde". Dessa importante obra, que aparecerá breve, trazendo vistas novas e surpreendentes sobre os problemas da filosofia moderna, damos aqui, em primeira mão, um pequeno trecho, certos de correspondermos à curiosidade dos nossos leitores inclinados a estudos dessa natureza.

PROCUREMOS compreender em que consiste a experiencia. Começa ela por tomar como base uma lei. Fazer uma experiência quer dizer: traçar limites dentro dos quais se poderá seguir pela pista uma certa relação de movimentos na necessidade do seu curso. A posição da lei pode estabelecer-se a partir do plano fundamental da esfera de objetos (da ciencia). E' esse plano que dá a medida e liga a representação antecipada do traçado dos limites. Uma tal representação, base de toda a experiencia, não é puramente ficticia. Motivo por que Newton disse: os fundamentos não são gratuitamente inventados. São desenvolvidos a partir do plano fundamental delineado segundo este. A experiencia é um processo, no seu esboço e na sua realização derivado e orientado por uma lei fundamental e destinado a revelar os fenomenos que verificam essa lei ou a desmentem. A possibilidade da experiencia é tanto mais precisa quanto o plano na natureza projetado com maior exatidão. Motivo por que Roger Bacon, o escolástico tantas vêzes invocado, não pode absolutamente ser considerado como precursor da experimentação moderna; não passa êle, na realidade. de um tardio sucessor de Aristoteles. Pois enquanto isso o Cristianismo situara a Verdade na Crença, na crença da Verdade da Escritura e da Teologia. O mais alto conhecimento é a Teologia, como interpretação do Verbo divino da Revelação. fixado pela Escritura e ensinado pela Igreja. Conhecer aqui não é procurar, é bem compreender a Palavra e a Autoridade que a divulga. Razão pela qual a discussão das palavras e das diversas autoridades ocupam nos estudos da Idade Média lugar preponderante.

O componere scriptum et sermones argumentum exverbo foram a causa da filosofia platonica e aristotelica transformar-se em dialética escolástica. Quando Roger Bacon exige a experimentação não se trata de experiencia da Ciencia como Pesquisa; trata-se de substituir o **argumentum exverbo** ou **ex re** a discussão dos ensinos pela observação direta das coisas (de que já fala Aristoteles).

A experimentação da pesquisa moderna não é somente uma observação mais exata e mais extensa, é um processo de verificação das leis no quadro e a serviço do projeto da natureza. A' experiencia da pesquisa fisica corersponde nas ciencias espirituais **a critica das fontes** O que quer dizer, ao mesmo tempo, descoberta, fixação, exame, apreciação, conservação e interpretações das fontes. Sem duvida. a explicação histórica, baseada na critica das fontes, não leva os fatos a regras e a leis. Mas não se contenta. muito menos ,em fazer deles simplesmente a cronica. Procede ela, tambem, de maneira a fazer aparecer as constates e de fazer da história um objeto de pesquisa. A história é objeto, na medida em que é passado. O que é constante no passado, aquilo a que a explicação histórica leva a unidade a multiplicidade da história é "sempre já acontecido", o **comparavel.** Pela comparação incessante de tudo que aconteceu, distingue-se o que é compreensivel verifica-se esse compreensivel consolidando- o, enfim, como plano fundamental da natureza.

A pesquisa histórica coincide, em extensão, com a explicação histórica. O unico, o raro, o simples, ou, para dizer de outra maneira o que é grande na história, escapa a evidencia e permanece inexplicavel. A pesquisa histórica não o nega, mas o explica, como "fenomeno excepcional" e mede-o, finalmente, pelo que é explicavel e conhecido. Não pode haver outra explicação histórica, enquanto explicar quiser dizer conduzir ao compreensivel e a história constituir uma pesquisa. isto é, uma explicação. A história, como pesquisa projeta o passado como campo de ação explicavel e visivel em seu conjunto: faz disso um ojeto, e para faze-lo tem necessidade de realizar a critica das fontes.

Cada ciencia, enquanto pesquisa, está fundada sobre o projeto de uma esfera limitada de objetos; é por ai, tambem, que cada ciencia constitue uma ciencia particular. Cada ciencia particular, no desenvolvimento do seu projeto, deve proceder, especializando-se num campo preciso de verificação. Essa especialização não é simplesmente um fenomeno que provenha, fatalmente, da imensidade dos resultados da pesquisa. Não é um mal necessário com o qual nos devemos resignar, mas uma necessidade essencial da ciência, como pesquisa. Se a pesquisa não se lança em qualquer verificação, acabando por nela comprometer-se. é que a ciência moderna determina-se por um terceiro processo fundamental: **a atividade cientifica.**

Uma lei natural, seja qual for, não se torna respeitada senão quando se reveste do aspecto de uma instituição. A pesquisa não é uma "atividade cientifica", porque o trabalho sobre o qual repousa, se realiza nos institutos. mas, ao contrário, os institutos é que são necessários, porque a ciencia. como pesquisa, tem o carater de uma "atividade cientifica". O processo de conquista das diversas esferas de objetos não consiste somente em acumular, mas tambem em se orientar, constantemente, em progresso novo Toda a fisica antiga está implicada nos aparelhos modernos utilizados para bombardear o átomo. Da mesma maneira, as fontes não são validas para a explicação na história, senão quando fundadas sobre explicações históricas. Nesse progreso, o processo da ciencia é delimitado por seus próprios resultados. O processo se acomoda, cada vez melhor com as possibilidades de progresso, que êle próprio abriu. Precisamente, essa necessidade de se acomodar em seus próprios resultados, constitue o carater de "atividade" da pesquisa. E esse mesmo carater implica seu carater de "instituição".

Na "atividade cientifica" começa-se por estabelecer o projeto de uma esfera de objetos no seio do "Sendo" Todas as disposições que facilitam uma convergencia planificavel dos diferentes processos. que exigem uma verificação e uma relação reciproca dos resultados não são uma consequencia superficial do fato da pesquisa se extender e ir até a ramificar-se. Não são, muito menos, o sinal (ainda incompreendido) de que a ciencia moderna começa a entrar numa fase decisiva de sua história — começa a entrar na plena posse de sua essencia.

Que resulta da extensão e da consolidação desse carater irestitucional das ciencias?

Simplesmente, a garantia do primado do processo com relações ao "Sendo" (natureza ou história), que a pesquisa se dá como objeto. Em razão do seu carater institucional é que as ciencias fabricam um carater de convergencia e de unidade. Motivo por que uma pesquisa histórica ou arqueologica de carater institucional está mais perto da pesquisa fisica. apresentando o mesmo carater de um estudo de sua própria facul-

(Conclui na 8.ª pág.)

MATARAZZO, O NOVO HEROI DE MAUROIS

HILDON ROCHA

ENCONTRAMOS no suplemento literário do CORREIO DA MANHÃ a noticia da viagem de Maurois a São Paulo, onde se hospedaria com os Matarazzo para mais perto colocar-se da documentação necessária a uma biografia do *Conde*.

A noticia não afirmava, apenas insinuava ou sugeria que o motivo principal da suspeitíssima hospedagem residia mesmo na necessidade de contato com o ambiente e a familia do *herói*, que assim passará a companheiro de uma série *mais ou menos* romântica em que figuram Shelley, Byrron, Disraeli, Chateaubriand, Proust, Machado de Assis, se é que foi escrita a biografia-ensaio prometida sôbre o criador de Capitú. O convívio no cenário onde atuou o *grande personagem* que invadiu a imaginação não raro tão romanêsca de Emile Herzog, escritor judeu que se estabilizaria como André Maurois — facultaria, provávelmente, impressões mais diretas, não de todo inúteis em tais circunstâncias. O mesmo cuidado que o dominou quando da busca de elementos para a biografia de Byron, volta agora em relação ao não menos *romântico* personagem da história financeira e industrial de São Paulo.

O cronista Pongetti veio reafirmar a informação do suplemento do CORREIO DA MANHÃ numa crônica em que defendia o gêsto do biografo. A defesa de Pongetti não é propriamente um argumento de esteta, mas argumento de homem prático, bem dotado de espirito comercial arguto e lépido. Dêste ponto de vista, que não é o nosso, nem dos inocentes, — tem êle completa razão.

Apesar do pouco interêsse que a presença de Maurois ha provocado desta vez, — o caso merece comentário. Supõe-se, — logo que nenhuma curiosidade mais aparente existe em torno da nova visita desse venturoso intelectual, — que a sua notoriedade decresce. Ou o seu prestigio, que até junto à gente bem aquinhoada das letras, já não é o mesmo prestigio em que se viu envolvido noutros tempos. Sua decisão, retornando a nosso pais para cuidar de tarefa nada gratuita e nada desinteressada, repercutirá talvez até no espirito dos que o consideram uma grande figura literária. E' verdade que na resposta por êle concedida à reportagem de o GLOBO, tentou fugir ao assunto. Esclareceu que não vinha escrever a biografia de Matarazzo, mas pescar elementos para historiar o desenvolvimento econômico do Brasil, desde a infiltração da atividade industrial.

Ora, esta última tarefa é um tarefa pesada para Maurois, menos historiador, no sentido sisudo desta palavra, do que almeja aparentar. Perceber já percebemos nitidamente o que êle quis dizer: nada mais que situar Matarazzo e suas realizações na vida da indústria brasileira como centro mesmo de seu impulsionamento. Como fôrça motriz e central do seu avanço, — a explicação dêle, a razão dêle, sua única razão. Claro que isso se torna mais inquietante por ser inegável que esse homem tem milhares de leitores em vários paises, (do tipo leitor comum) e sabemos que até o conceito das maiorias menos esclarecidas, quando erroneos e infundados, são nocivos. E no nosso caso só temos o desejo de que a subversão do verdadeiro sentido da nossa história não seja feita, e de maneira insinuante como um escritor agradável e simpático qual André Maurois poderá fazer. E' natural que se encare como mais prejudicial para nossos brios nativos que seja de tal feitio o livro anunciado de Maurois. Pior, muito pior, do que se fôsse uma simples biografia de Matarazzo, com suas iniciais tristezas, com seus momentos *heróicos, sua luta contra a incompreensão*, sua fibra de *arquiteto* de uma civilização.

Vir ao Brasil ao encontro de documentação para uma história do nosso desenvolvimento e nosso progresso industrial, supondo encontrá-la nos arquivos dos suntuosos palacetes da familia Matarazzo, — é profundamente inexplicável. Sem deixar de ao mesmo tempo ser chantagem contra a verdade histórica, que não poderá ter em Maurois, desta vez, um dedicado servidor. Não terá nele esse *amigo do peito*, porque há-de ser uma obra muito bem paga. Não concebemos como é possivel a um intelectual honesto, ainda em posse de sua independência de espirito, submeter-se, de maneira tão ostensiva como está acontecendo com o biografo francês, ao suborno, — espécie de compensação marcantemente desonrosa. Superficial e imaginoso, o membro da Academia Francesa redigirá um livro igual a tantos de sua extensa bagagem, — um livro ameno, amável, anedotico, facil de lêr. Isso êle há-de conseguir, infelizmente para nós que lá estaremos tão deturpados, tão ultrajados, de certo.

Não acreditamos que venha a ser um livro aceitavel, realizado com tais propósitos e dentro de um plano tão deslealmente preconcebido. As condições em que começa a ser gerado são precárias e negativas. Há-de êle encarar os fatos por um angulo odioso, que é o do interêsse da poderosa familia de industriais. Só vai lêr os documentos apresentados pelos seus fregueses, — e o futuro autor de livro de tamanha importância política e social não viveu a vida brasileira em meio aos seus choques de classes e castas aos seus problemas e conflitos, às suas marchas e contra-marchas financeiro-econômicas. Não dispõe de mais acurado conhecimento da nossa história, o que lhe forneceria uma base menos maleável para melhor auscultar o fenomeno de nossa evolução nos últimos decenios. Que espécie de livro será, finalmente, a encomendada história para o qual Maurois se prepara tão règiamente instalado?

Não incorreríamos na ortodóxia estética de exigir de André Maurois compromissos e sacrifícios em relação à dignidade intelectual mais do que êle pode dar. E' preciso que se diga que Maurois foi sempre inclinado à improvisação e à invenção. Sempre nos pareceu meio fácil. Até na parte de sua obra mais razoavelmente artística, — jamais deixou de revelar-se mais brilhante que profundo, mais elástico que analítico, mais criador do que veridico. Desde a sua primeira biografia, "Shelley", que êle se consagrou como hábil alinhavador de acontecimentos e episódios ligados a grandes tipos literarios e políticos. Não estaremos cometendo exageros ao afirmarmos que êle representa em nosso século, juntamente com Ludwig e Zweig, um dos inovadores do processo biográfico. Talvez melhor que os dois acima citados êle soube misturar verdade com fantasia, fatos com mentiras, — porém mentiras umbelicalmente irmanadas com os fatos, — espécie de *desdobramento* da verdade. Libertou por isso mesmo um gênero contra o qual havia tantas prevenções, considerado de segunda categoria, de suas caracteristicas cansativas, imprimindo-lhe uma réstea de luz, um sopro de amenidade, prejudiciais à veradade absoluta, mas inevitavelmente simpáticos do ponto de vista artistico.

De "Shelley" andou bastante até o presente, e nem sempre foi melhor sucedido que neste primeiro livro, num gênero em que se tornaria mestre indiscutido, apesar mesmo das falsificações históricas. Agora, parece que, já sem fôlego, esbarra em Matarazzo. Longa e melancolica jornada...

Clarice Lispector "Existencialista"...

(Conclusão da 1.ª pag.)

obriga-nos a defrontar-nos com o problema que hoje traz perturbados quantos se querem manter acima das contingências da modernidade pela modernidade. Com efeito, a arte moderna, quer na literatura quer na pintura, quer na música, coloca-nos perante êste fato consumado: que o artista, hoje, não procura sugerir o real, mas criar uma nova realidade. Mais evidente no romance ou na pintura do que na poesia ou na música, esta tendência pressupõe, da parte do leitor ou do amador de artes plásticas, um desprendimento completo dos seus hábitos mentais. A realidade que o romance lhe proporciona só tem de comum com a realidade em que êle vive um único ponto: a sua própria capacidade de se identificar consigo mesmo onde quer que esteja. Eis a grande dificuldade a vencer para que os novos caminhos da arte venham a ser aceitos por aqueles que não podem deixar de intervir na objetivação dos esquemas mentais que são, no fim de contas, tôdas as obras literárias ou plásticas. No domínio do sono, a consciência do sonhador não tem outro remédio senão acompanhar o fluxo heterogêneo das imagens por mais absurdas e irreais que elas se lhe afigurem. A identificação da consciência do homem consigo mesma perde-se por completo, nos domínios da arte, as coisas passam-se de outro modo. O leitor é sempre leitor, consciência distinta da do criador. Para que êste possa aderir à realidade que aquele lhe proporciona, algo tem de haver capaz de servir de chave em que o primeiro desvende o enigma que o segundo lhe propõe. Bem certo que ante uma decoração árabe — um arabesco propriamente dito — algo sentimos independentemente de qualquer significação lógica ou conceptual. Mas a impressão recebida é meramente óptica. Uma arte meramente óptica não pode aspirar às transcendências de significado de uma arte realista ou filosófica. E, assim, encontramo-nos perante êste difícil passo — evitar que a arte moderna se encerre num hermetismo apenas acessível a iniciados. Lendo "A cidade sitiada" fui pensando que Clarice Lispector não deve ter encontrado muitos leitores no Brasil. E a razão está à vista: o seu romance, criação de uma nova realidade, realidade hermética, de fundo conceptual e místico, apenas pode ser desvendado, enquanto representação de uma experiência humana e de um conceito mental, pelo leitor, com a persistência e a sutileza suficientes para acompanhar a sua leitura com a chave que a sua intuição ou a sua acuidade filosófica sejam capazes de lhe proporcionar. Não é um romance "A cidade sitiada"? É. E como? Como é romance tôda a obra literária em que se representa um destino situado num mundo em que o tempo é simultâneamente lugar de ação e conteudo dela. Qual o destino que "A cidade sitiada" representa? O destino de Lucrécia Neves. Mas quem é Lucrécia Neves? Alguém que não pode conceber-se a si mesma independentemente de S. Geraldo, a cidade sitiada, o arrabalde, essa atmosfera cuja história futura "seria apenas a história do que se tivesse visto". O em-si e o pour-soi dos "existencialistas" jogam-se, permanentemente, neste destino, destino que em-si-mesmo e para si-mesmo é como todos os destinos — qualquer coisa de variável, de frágil, de inconsistente, continuamente sujeito a não coincidir consigo próprio, e que, no entanto, a todo o momento pode ser visto como um en-soi, isto é, precisamente, o inverso: uma existência bruta, invariável, maciça, cheia, coincidindo sempre e por completo consigo mesma.

Lucrécia está só no seu quarto, e pelo seu quarto começa a construir S. Geraldo, a cidade, o arrabalde. E refletia: "quando uma coisa não pensava, a forma que possuia era o seu pensamento, o peixe era o único pensamento do peixe". Ora como a cadeira, a mesa, a flor no jarro apenas existiam se ela as criasse, se ela lhes desse a mobilidade que elas não podiam ter enquanto existências em-si — eis que Lucrécia Neves principia a criar o mundo em que vive. "Que diria então se pudesse passar de ver os objetos a dizê-los... Era o que ela, com paciência de muda, parecia desejar. Sua imperfeição vinha de querer dizer; sua dificuldade de ver era a de pintar". E o seu destino é êsse mesmo, o destino de Lucrécia aqui identificado com o da romancista: ao invés de ver os objetos — dizê-los.

Existência em-si-mesma, a cidade, construida a todo o momento através do que a romancista dela diz, eis que não tarda que a própria Lucrécia Neves passe a ser para a cidade, a cidade que aos seus olhos foi adquirindo a mobilidade do que existe para-si-mesmo — do para-si-mesmo — um objeto bruto, uma realidade inalterável, uma coisa em-si-mesma. Sitiada, a cidade, pois que Lucrécia Neves a sitia criando-a em-si-mesma, sitiada se torna a própria Lucrécia Neves, uma vez que o seu existir para-si-mesmo a pouco e pouco se transforma num existir em si-mesmo, forma imovel que é, e maciça, para a cidade-coisa então já com existência de criatura.

E' o destino de Lucrécia Neves, a cuja progressão assistimos como se êle não fôsse, de fato, um destino humano, mas qualquer coisa como a angústia que nos toma quando descobrimos que os objetos que nos rodeiam têm uma existência independente da nossa própria, não o vemos, êsse destino — dizem-no-lo. O mundo que envolve Lucrécia Neves é um mundo de alucinação, onde a vida é mais "viscosidade" que "liberdade", para adotar a terminologia de Jean-Paul Sartre.

"Uma vez fôra ao museu estadual e tivera medo de estar de guarda-chuva molhado num museu. Assim sucedera. Tinha medo de ver, num mesmo olhar, um trem e um passarinho. E de um homem com anel de brilhantes no dedo: Mateus. Seria imobilizada se êsse dedo a apontasse. Também a um movimento seu na cama formava-se às vezes nas rosas da parede um ser aleijado e contente — então ela se arripiava como o cachorro late para um guarda-chuva".

E' nesta atmosfera de estranheza — uma estranheza que não provém de circunstâncias anormais do destino de Lucrécia Neves, pois Lucrécia Neves tem um destino trivialíssimo: é moça, casa com Mateus, o do anel de brilhantes, e enviuva — mas do simples fato de ela estar constantemente sujeita à metamorfose que as coisas impõem à consciência humana, quando a consciência humana se dá conta de que as coisas não só têm uma realidade em si-mesmas, mas que ela própria, consciência humana, pode ser para elas, para as coisas brutas, como que uma coisa bruta também — uma "liberdade" congelada, uma ilha que o oceano do "nada" circunda — é nesta atmosfera estranha que o romance se desenrola e o leitor assiste à criação de uma realidade inteiramente diferente da realidade que conhece.

E' dificil aprender o que ocorre em "A cidade sitiada"? E'. Por vezes torna-se, mesmo, angustiante. De onde em onde perdemos até o contacto com a intenção da romancista. O mundo que ela cria — um mundo criado por conceitos, em que a forma das coisas e dos sêres é a sua própria substância — não pode ter duas interpretações. A sugestão, uma das fôrças do romance clássico, é alheia a esta técnica, uma técnica que não pinta, diz. Está tudo dito neste livro, e o que nele não fôr interpretado tal qual como está dito — são conceitos das coisas, não as coisas que estão perante nós — nada dirá. O esforço do leitor tem de ser hercúleo: ei-lo que ergue, penosa e incessantemente, os altares das frases sibilinas de Clarice Lispector à altura da razão. Mas os braços fatigam-se, a razão enfada-se, e os conceitos lá ficam, por vezes, in-interpretados, verdadeiras coisas em-si-mesmas, maciças, imóveis, rígidas, que são, desde que nos mostremos incapazes de as mobilizar. E' certo que nem tudo se perde quando se não consegue levar o alter até ao plano da razão. Mas, nesse caso, sujeito à anomalia dos conceitos que não entende, o leitor passa a ver apenas o que lhe fôra dado para entender. E tudo se petrifica então adentro do romance. Estamos num mundo novo, numa existência lunar. A ação de "A cidade sitiada" apenas vale como símbolo. O estilo do romance é feito de conceitos que se tornam fatos e de fatos que se tornam conceitos. Há nele um revolver de alto a baixo das leis em que estavamos habituados a ver condensar uma história. Clarice Lispector pode não ter leitores que a acompanhem da primeira à última página do seu livro — símbolo ou alegoria? — mas o que não há dúvida é que não conheço outro livro nas letras de lingua portuguesa em que a tentativa de criar uma supra-realidade não será Clarice Lispector, no fim de contas, supra-realista (surréaliste?) se revista de uma tal frescura e ganhe tamanha pujança. Pode acusar-se a autora de "A cidade sitiada" de hermetismo — o que se não pode é considerar o seu hermetismo estudado ou cabotino. E' um hermetismo que tem a consistência do hermetismo dos sonhos. Haja quem lhe encontre a chave.

CASCAIS, Portugal.

NO PETIT TRIANON

OS NAMORADOS DA ACADEMIA

DIOGENES LAERCIO

Recebemos do escritor Nilo Bruzzi a seguinte carta:

"Meu caro Diógenes Laércio: Li — e com certo enlêvo — a encantadora croniqueta — "Os namorados da Academia" — hoje publicada no suplemento d' A MANHA. E mais enlevado ainda fiquei lendo o meu nome entre as fulgurações pretendentes às poltronas azuis da casa de Machado de Assis. Passando o primeiro instante de êxtase, e feita a segunda leitura, observei uma séria lacuna que importa mesmo em injustiça, porque a omissão, quando é tão violenta, fere o omitido no que êle tem de mais sagrado. Refiro-me à exclusão do nome do candidato Ciro dos Anjos e do nome do seu dedicado padrinho Peregrino Júnior.

Óra, quem mais fiel à própria candidatura do que o simpático criador de "O Amanuense Belmiro"? Não perde uma sessão da Academia, toma o seu cházinho uma vez por outra lá, silencioso e tranquilo namora com o pé de chumbo, quer dizer, não arreda de baixo das venezianas onde se esconde a donzela dos seus sonhos, pelo menos tão côr de rosa como os daqueles outros nominalmente citados na sua croniqueta. Enfim, Ciro dos Anjos foi olvidado e também esquecido o seu padrinho Peregrino Júnior. Isto foi injustiça, por um lado, e foi crueldade por outro. Injustiça pela omissão de dois nomes ilustres, e crueldade porque não lhes citando os nomes deixou aqueles outros namorados desprevenidos contra dois poderosos rivais que estão em condições de surpreender os Romeus ingênuos e confiantes exagerados nos seus citados padrinhos.

Para atenuar a injustiça e para pôr um algodãozinho na crueldade, manda-lhe este lembrete com o coração enamorado por sua inteligência o Nilo Bruzzi".

Essa interessante carta, a um tempo tão amável e tão maliciosa, comporta uma pequena explicação. Em primeiro lugar, seja-nos lícito confessar que, em assuntos dessa natureza, as omissões não são somente naturais: são inevitáveis. O sr. Nilo Bruzzi, pois, devia compreender e perdoar a omissão citada, que não foi aliás a única. Mesmo porque a Academia, tendo hoje apenas dois mineiros no seu quadro (Afonso Pena e Hélio Lobo), havia de ter o prazer em chamar outros para a sua ilustre companhia, e não é por outro motivo que ali se vêem com particular simpatia, não só o nome do jovem diretor do IPASE, como os dos srs. Anibal Machado, Cristiano Martins, Carlos Drumond de Andrade e Afonso Arinos de Melo Franco. Qualquer dêsses escritores mineiros honraria os quadros da Academia — e todos êles dispensariam "padrinhos", porque encontram na Casa de Machado de Assis um clima de simpatia unânime, o que se explica e justifica pela importância das suas obras e pela significação das suas personalidades. Afonso Arinos é um poéta e ensaista de alto valor, além de ser o sociólogo e professor que todos conhecem. De Carlos Drumond, embora poéta de indole anti-academica, sabe-se que é hoje um dos maiores prosadores da nossa língua: um clássico. Cristiano Martins é um dos nossos maiores ensaístas. Lúcido e profundo, seus livros sôbre Camões e Goethe seriam suficientes para abrir-lhe as portas de qualquer Academia. De Anibal Machado, o admirável, o raro criador de João Ternura, alér de ser autor de um delicioso livro de novelas — "Vila Feliz", é uma das personalidades mais marcantes da nossa atualidade literária. E Ciro dos Anjos, autor de dois belos romances, é um discípulo fiel do velho Machado, que decerto se sentiria bem na atmosfera da Academia. Qualquer dêsses mineiros ilustres honraria a Casa de Machado de Assis, e não seria justo falar em possiveis candidatos à Academia sem citá-los, que todos êles podem bem ser convocados com justiça para o Petit Trianon.

Olegário Mariano e o centenário de Pai

— Sr. Presidente: —

Venho há duas semanas procurando recuperar a voz para testemunhar o meu agradecimento pela colaboração prestada por meus companheiros às festas do centenário do meu Pai, festas que alcançaram, sem dúvida, o ponto culminante na luminosa conferência do meu prezado Celso Vieira.

Dificilmente poderei explicar, sr. Presidente, o que realmente foi a minha jornada pela terra dos meus antepassados e minha terra Tive a impressão de que meu Pai, cem anos depois, estava vivo na alma das gerações que se sucederam. As sementes de liberdades que êle espalhou no solo pernambucano ainda hoje continuam a dar flores e frutos em todos os setores da vida contemporânea E o seu exemplo de bravura e independência permanece intacto nos homens de hoje, a começar pela nobre figura do Governador Barbosa Lima Sobrinho, a quem devo, em grande parte, o esplendor das comemorações, desde a comovedora visita ao municipio onde nasceu meu Pai, até a sessão magna do Teatro Santa Isabel, em cujo palco histórico o nosso querido companheiro pronunciou uma das suas peças memoráveis, em resposta às palavras que lhe enderecei no início da minha conferência. Sim. Era necessário que eu me dirigisse inicialmente a êle, ao sobrinho de Barbosa Lima, que, pela sua alta compreensão e nobreza de alma, orientou e acompanhou pessoalmente todas as cerimônias comemorativas, para que não lhes faltasse também o apoio oficial do govêrno do Estado. O mesmo sentimento me conduziu à presença de Júlio de Melo, o deputado que apresentou na Câmara Estadual um projeto pedindo determinado crédito para garantir as despesas das festas promovidas. O deputado Júlio de Melo é filho do então Chefe de Policia que prendeu o revoltoso José Mariano e por isso me pareceu justo render-lhe também de público um preito de reconhecimento, enlaçando, no mesmo abraço agradecido, os dois descendentes daqueles que em outros tempos divergiam da politica de José Mariano e que hoje não vacilaram em prestar o apoio necessário às comemorações do centenário daquele que, se vivo fôsse, não teria o menor constrangimento em estreitar a mão dos adversários de ontem. Mas, Sr. Presidente, não terminou com a sessão magna do Teatro Santa Isabel a série de emoções por que passei. Também no interior baiano e na Capital a hostilidade nortista se fez notar, principalmente em Salvador, onde o Instituto Histórico e a Academia de Letras conjugaram-se para prestar-me, por iniciativa do eminente Professor Magalhães Neto, uma homenagem comovente fazendo-se ouvir os mais categorizados oradores e poétas da Bahia.

Dessa noite de arte de que me ficou indelevel a impressão de encantamento, ainda guardo nos ouvidos a ressonância lírica das admiráveis peças oratórias e da beleza dos poemas que ouvi, repassados da mais funda emoção.

Volto agora, sr. Presidente, ao seio da minha familia acadêmica, satisfeito com o dever cumprido, lamentando apenas ter dado tão pouco de mim a essa nobre gente do norte, tão pobre de recursos materiais, mas, em compensação, tão rica de inteligência e de generosidade.

Brasil-Equador

No salão nobre do Petit Trianon, o Instituto Brasil-Equador vai realizar uma sessão solene, em homenagem ao embaixador Penaherrera, no próximo dia 29, sexta-feira, às 17 horas. Falará em nome do Instituto Brasil-Equador o sr. Peregrino Júnior.

As caracteristicas do espírito latino

O Professor Pasteur Vallery -Radot, que se acha no Rio, falará na Academia, no próximo dia 21, quinta-feira, às 17 horas, sôbre o seguinte tema: "Les caracteristiques de l'Esprit Latin".

Gustavo Barroso no Recife

Acompanhando um grupo de alunos do Museu Histórico, seguiu para Recife o sr. Gustavo Barroso. Assumiu a Presidência da Academia, na sua ausência, o Secretário Geral, sr. Peregrino Júnior.

Centenário de Sílvio Romero

A Academia está elaborando o programa de comemorações do Centenário de Silvio Romero

Uma carta curiosa de Valentim Magalhães a Xavier Marques

VALENTIM Magalhães, tipo do escritor dispersivo colaborava em inumeros jornais do Rio e de outros Estados do Brasil, além de outros empreendimentos em que se envolvia. Eis aqui um trecho de uma de suas cartas a Xavier Marques, secretario do "Diário" de São Salvador, que lhe contratara a colaboração. Valentim porém. saindo do terreno literario, enviara dois topicos sobre assuntos politicos o que, como se verá na missiva em questão, desgostou a direção do jornal.

"Rio, 5 de junho de 1899 — Ilmo Snr. Xavier Marques — Esta responde a sua de 31 do p. p. Embora expoe em sua carta, fica autorizado — mas unicamente o meu amigo — a retirar os dois topicos da aludida "Carta Carioca". Peço-lhe, porém cautela na amputação desses dois membros da infeliz; faça sofrer pouco a doente e que a operação não a deixe de todo aleijada, pois certamente não ignora que há operações que levam à morte.

Ao meu amigo nada tenho que desculpar relativamente ao caso em questão, desde que, segundo diz, parte do Diretor da folha a idéia da supressão dos referidos topicos da cronica. Procurarei fazer-lhe a vontade não tratando mais de politica, que não é, valha a verdade, dos assuntos que mais me cativa; entretanto cumpre notar que ás vezes ela avulta de tal modo que a ela não fazer referência não ignorasse os escrupulos dessa redação em matéria politica, dela tratei numa das minhas cronicas, na suposição de que, por assinada, nenhuma responsabilidade pudesse levar a folha; além de que foi tão pela rama que desse assunto tratei que estava longe de supor que desse na vista e muito menos que pudesse comprometer o "Diário. Fico ciente pois de que me é inteiramente vedada a minima referencia a respeito. Fi-lo porque presentemente, balda de acontecimentos notaveis como anda a nossa Capital, é a politica o assunto mais saliente e mais em voga; a não ser que tratasse de futeis ocorências de rua que nada podiam interessar aos leitores da Bahia. Em vista do que me o cronista pode até parecer inepcia. Enfim, cada um sabe onde lhe aperta o sapato; e si o "Diário baniu de suas paginas a politica, deve ter suas razões e não serei eu que vá de encontro a elas".

LITERATURA INGLESA

WINTER SONG. (Phoenix House) — E' êste o quarto mas, evidentemente, não o último livro da série da família Fury, narrada por James Hanley. E' a ressurreição e a volta do velho Fury, depois de torpedeado e naufragado em companhia da espôsa, Fanny. Em cada episódio ela tem sido a figura central, mas neste, o seu criador penetra mais profundamente em seu coração voluntarioso. Os livros do autor constituem verdadeira aventura que se vive mais do que se lê, e donde se regressa, sem ter chegado ao fim. E' êste, entre os demais da série (THE FURYS, THE SECRET JOURNEY, OUR TIME IS GONE) o mais extenso, o mais ambicioso, e o melhor de todos os seus livros, tributo êsse que raramente se manifesta a um autor. Talvez, nem a crítica nem o público tenham ainda lhe atribuido o mérito devido, e é propício o momento para dizermos que James Hanley ocupa lugar firme entre os novelistas contemporâneos de valor, embora seja um lugar isolado, à parte, e sem retoques de iluminação artificial.

ARABIAN JOURNEY. (Harrap) — O coronel Gerald de Gaury sente, conforme já demonstrou em seu livro ARABIA PHOENIX, o estímulo que o deserto imprime ao observador estrangeiro. Observador, no caso, é bem o têrmo que se deve aplicar ao autor, pois, por mais que elogie a vida em rincões longinquos como Neyd, Asir e Kufra, êle nunca cede suas convicções às circunstâncias ambientes, por mais atraentes que sejam. Viu e ouviu muita coisa que mereceu cordial aprovação — por exemplo, a dignidade, a hospitalidade e a filosofia do beduino — mas, de vez em quando, reflete sôbre as lacunas que, como bom europeu, verificou na existência do árabe inculto. Salvo ligeiras imprecisões, é um livro memorável.

ADVENTURE IN VISION. (Lehmann) — Tratando-se de assunto da relevância da televisão, é dificil atingir o meio têrmo entre escrever de mais ou de menos e prender o interêsse potencial do público Foi justamente isso que o autor. John Swift, conseguiu fazer. Talvez seja êste o primeiro livro que colocou em devida perspectiva a importância do desenvolvimento e das personalidades da televisão, desde o estudo de John Logie Baird, "o pai da televisão", até o interessante sumário do futuro. O A. aborda aplicações sempre crescentes da televisão fora do campo do divertimento doméstico, e assinala com felicidade a relação entre o cinema e a televisão. Pode ser lido com proveito tanto pelo estudioso da matéria como pelo leigo, e contém muitas ilustrações e diagramas de grande utilidade

— x —

Tendo estas notas esparsas encontrado apoio da parte de alguns leitores condescendentes, resolvemos extendê-las a edições ainda em preparo, proporcionando, assim, aos interessados, a oportunidade para encomendarem aos editores os livros escolhidos, de forma a chegarem ao Brasil ao mesmo tempo, ou logo após, a publicação na Inglaterra.

Outrossim, comentaremos livros sôbre qualquer ramo cuja predileção os leitores nos indicarem por carta para esta seção de LETRAS E ARTES.

Letras e Artes

DIREÇÃO DE

JORGE LACERDA

COLABORADORES

Adonias Filho, Afrânio Coutinho, Alcantara Silveira, Alceu Amoroso Lima, Almeida Fischer, Almeida Sales, Alphonsus Guimarães Filho, Alvaro Gonçalves, Anibal Machado, Aurelio Buarque Maciel, Antonio Rangel Bandeira, Ascendino Leite, Atilio Milano, Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer, Batista da Costa, Breno Acioli, Brito Broca, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Cecilia Meireles, Christiano Martins, Ciro dos Anjos, Clarisse Lispector, Claudio T Barbosa, Dalton Trevisan, Damaso Rocha, Dantas Mota, Dinah S de Queiroz, Eugenio Gomes, Euryalo Canabrava, Fernando Ferreira de Loanda, Franklin de Oliveira, Geraldo Ferraz, Gabriel Munhoz da Rocha, Guerreiro Ramos, Gustavo Barroso, Gilberto Freyre, Herbert Parentes Fortes, Herman Lima, Jayme Adour da Camara, João Condé, Joaquim Ribeiro, J. P Moreira da Fonseca, Jose Lins do Rego, Jorge de Lima, José F Coelho, Jose Geraldo Vieira, Jose Simeão Leal, José Tavares de Miranda, Josue de Castro, Josue Montello, Leony de Oliveira Machado, Lêdo Ivo, Ligia Fagundes Teles, Louis Wiznitzer, Lopes de Andrade, Lucio Cardoso Luiz Jardim, Manuelito de Ornelas, Manuel Bandeira, Marcos Konder Reis, Mario da Silva Brito, Mario Quintana, Marques Rebelo, Murilo Mendes, Novelli Junior, Neli Dutra, Newton de Freitas, Octavio de Faria, Olimpio Mourão Filho, Oliveira e Silva, Otto Maria Carpeaux, Paulo Mendes Campos, Paulo Ronai, Peregrino Junior, Pericles da Silva Ramos, Renato Almeida, Renzo Massarani, Ribeiro Couto, Rodrigo M F de Andrade, Roger Bastide, Regerio Corção, Roland Corbisier, Rosario Fusco, Rubem Biafora, Santa Rosa, Sergio Milliet, Servulo de Melo, Silvio Elia, Sylvio da Cunha, Sonia Regina, Tasso da Silveira, Temistocles Linhares, Thiers Martins Moreira, Umberto Peregrino, Van Jafa, Vicente Ferreira da Silva, Wilson Figueiredo, Willy Lewin, Xavier Placer, Haidée Nicolussi, Mietta Santiago, Guido Wilmar Sassi e Jorge Barroso Filho.

ILUSTRADORES

Alfredo Ceschiatti, Armando Pacheco, Athos Bulcão, Marcelo Grassmann Marcier, Fayga Ostrower, Iberê Camargo, Luiz Jardim, Noemia, Oswaldo Goeldi, Paulo O Flores, Paulo Vincent, Renina Katz, Percy Deane, Santa Rosa, Van Rogger e Yllen Kerr

CANÇÃO DA BREVE SERENIDADE



Ilustração de SANTA ROSA

OUÇO A CHUVA CAIR. OLHO AS RUAS MOLHADAS
PENSO NAS VIOLETAS E NOS JARDINS EM FLOR.
DESCE AO MEU CORAÇÃO UMA PAZ SEM MEMÓRIA.
DESCE AO MEU CORAÇÃO UMA DOÇURA IMENSA.

LEMBRO O AMOR A DORMIR TRANQUILO E SOSSEGADO
A RUA ESQUIVA E SEM PREGÕES, A RUA POBRE,
A RUA HUMILDE E A CASA PEQUENINA, EM QUE SE ABRIGA.
LEMBRO A INFÂNCIA QUE FOI E OUTRAS MANHÃS JÁ LONGE.

SINTO A VIDA COMO A CHUVA DESCENDO
SÔBRE OS QUIETOS BEIRAIS, SÔBRE AS RUAS, DESCENDO
SINTO QUE O TEMPO É BOM PORQUE NÃO PÁRA NUNCA.

UM RITMO DE ABRIGO ENVOLVE AS COISAS, TUDO.
VONTADE DE DORMIR O GRANDE SONO CALMO
OUVINDO A CHUVA TRISTE E MANSA A DESCER SÔBRE MIM.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT